Ao Dr.
Chefe de
Policia

AS TINTAS PARA CABELOS E ALGUNS CONSELHOS POR A. DORET

Raras são as tintas para cabelos que satisfazem quem as emprega. Nem sempre são inofensivas.

Outra tintura fica esverdeada no fim de poucos dias, tal outra toma no cabelo a côr de vinho tinto, bastante desagradavel aos olhos; esta é preta demais, reseca o cabelo, alisa o que é ondeado, faz mais velha a pessoa que a emprega, dá á fisionomia um ar sevéro e triste ao mesmo tempo.

Trinta anos de experiencia, de estudos, de aplicação deram-me uma certa autoridade para falar nisso.

Nenhuma casa de cabeleireiro, em qualquer país que fôsse, quer na Europa ou na America, atingiu o gráu de perfeição ao da casa Doret, tenho no meu estabelecimento clientes de todas as nacionalidades que atestariam a superioridade de meus metôdos de tingir os cabelos, garantindo a inócuidade absoluta de meus produtos. A's pessoas que não possam vir ao meu estabelecimento, ás pessoas longe do Rio de Janeiro, recomendo nunca tingirem os cabelos de preto; é melhor acastanha-los que colorir o branco de preto. Isso, além de ser mais natural, mais facil será, mais higienico.

Recomendo a todos o fluído Doret para acastanhar ou alourar o cabelo, este produto é dez vezes menos forte que a agua oxigenada, não queima os cabelos e é um excelente desinfétante.

Para recoloração do cabelo empregai o meu Henné pure Doret, para obter o louro bastará apenas 5 a 10 minutos de aplicação, para o bronzeado ½ hora, para acajou escuro, uma hora e meia.

As pessoas que quererem escurecer os cabelos para castanho escuro dévem empregar o Tonico Déesse n. 12.

Para qualquer caso particular é bom consultar A. Doret e seguir seus conselhos é uma garantia de bom exito.

A Casa A. Doret recomenda suas manicures, seus produtos incomparaveis para a beleza da pele e cabelos seus modelos de penteados, estudados para cada pessoa, os cabeleireiros da casa Doret são verdadeiros artistas. Ondulação permanente, Marcel, Misemplis, Soins de Beaute.

A. DORET cabeleireiro — Rua Alcindo Guanabara n. 5-A — Telefone 2-2431 — Rio de Janeiro

CHEGOU A FICAR COMPLETAMENTE CÉGO

Illmos. Srs. Viuva Silveira & Filho.

Amigos e Senhores — Deparando com uns espantosos reclames, no jornal *O Dever*, de Bagé, de outros preparados congeneres, juro-vos que fiquei commovido extraordinariamente, por me não ter manifestado até á presente data em favor da humanidade.

JURO-VOS PERANTE DEUS E A MINHA CONSCIENCIA, o que passo-vos a relatar.

Em 27 de Dezembro de 1913 adoeci sem ter conhecimento do meu mal; consultei aos medicos e disseram ser syphilis. Desde esse momento principiaram os meus martyrios, apparecendo-me *venereos, ulceras, hemorrhoidas sangrentas, paralysia, palpitações, estado nervoso ao extremo, fastio incrivel, dormir impossivel, dôr de cabeça durante* 90 *dias e noites, amargura na bocca, esquecimento completo, magreza extrema, potencia nenhuma*, emfim, um ENTE DESGRAÇADO!!!

Em 29 de Janeiro de 1914, tomei *mercurio, iodureto, cosimentos e homoeopathia*, até 5 de Junho de 1914, no mesmo mez tomei uma injecção inteira de 606, aggravaram-se os meus padecimentos, atacando-me a visão, FIQUEI COMPLETAMENTE CEGO; o meu coração palpitava desordenadamente.

Consultei novamente e deram-me 298 *injecções de diversos medicamentos estrangeiros*, melhorando pouca cousa. Sempre mal, resolvi de qualquer forma SUICIDAR-ME!!! O meu empregado Salvador Diogo, condoido de meu soffrer, pediu-me que tomasse o ELIXIR DE NOGUEIRA, não dei importancia; continuando mal, resolvi tomal-o por um desencargo de consciencia e para ver se podia, pelo menos dormir... o qual supplantou *as injecções e depurativos acima ditos*. Em 19 de Julho de 1915, comecei a usar o ELIXIR DE NOGUEIRA, e meu peso, que era de 53 kilos subiu a 75 kilos a 1 de Agosto de 1917 e disposto a attender meus affazeres, forte, possante e curado radicalmente. BEMDICTO SEJAS O' EXTRAORDINARIO BEMFEITOR DA HUMANIDADE *João da Silva Silveira*. — Pompilio Ortiz. — Bagé — Rio Grande do Sul — 30 de Outubro de 1917. — Rua Bento Gonçalves, 14 — Fabrica de Tamancos, Chinellos e Sapatilhas."

Todas As Senhoras São Interessadas...

E' UMA REVISTA PARA O LAR

A Mais Elegante — A Mais Completa
A Mais Moderna — A Mais Preciosa

Collaborada Pelos Grandes Creadores Da Moda Parisiense

MODA E BORDADO

FIGURINO MENSAL

Ensinamentos completos sobre trabalhos de agulha e a machina, com desenhos em tamanho de execução. Os mais apreciados trabalhos de bordados. Mais de 100 modelos em côres variadas de vestidos de facil execução. Vestidos de noiva, de baile, passeio, luto e casa. Costumes e casacos. Roupas brancas. Roupas de interior. Lindos modelos de roupas para creanças. Conselhos sobre belleza, esthetica e elegancia Receitas de deliciosos doces e de finos pratos economicos. Vendido em todas as livrarias e bancas de jornaes do Brasil

PEDIDOS DO INTERIOR:

Snr. Gerente de «Moda e Bordado» Caixa Postal 880

RIO

Envio-lhe
- 3$000 para receber 1 numero
- 16$000 » » durante 6 mezes
- 30$000 » » » 12 »

NOME..

Ender..

Cid.......................*Est*...................

Grafologia

AVISO

Temos inutilizado inumeras cartas, umas escritas em papel pautado, outras não assinadas com o nome legal, e outras finalmente a lapis.

Fazemos este aviso para que os consulentes não percam mais tempo esperando respostas, e tratem de enviar outros pedidos regularmente assinados em papel liso. O pseudonimo só é permitido para respostas.

MELISINDE (Rio) — Estive fóra, razão por que recebi sua carta atrazada. Quando ler estas linhas já terei respondido... oralmente pelo telefone.

TRISTEZA PERSONIFICADA (São Paulo) — Não adiantou ter escrito em papel sem pauta, pois traçou linhas horizontais a lapis que depois pretendeu apagar. Entretanto, a plombagina resistiu ao obliterador de borracha deixando sinais bem visiveis. Escreva em papel branco sem pauta já feita a tinta nem a lapis como fez. Não é tão facil, como pensa, enganar um velho grafologo...

LINAH (Rio Grande) — Letra de pessoa amavel, franca, muito emotiva, delicada, com grande dóse de amor proprio e suscetibilidade bastante "melindravel" por qualquer cousa. Sente desejos de se expandir, de confiar a alguem seus pensamentos e no momento de escrever estava sob a pressão de uma preocupação qualquer que a fazia triste, pensativa, melancolica... Nervosismo, superexcitação.

SILVIO S. OUTEIRO (Batatais) — As respostas ás consultas feitas são dadas aqui mesmo nesta secção onde vai a sua. Denota generosidade, idéas nobres e elevadas a sua grafia onde se vê tambem um pouco de orgulho. O traço com que firma seu nome de familia mostra personalidade bem marcada. Falta-lhe um pouco do senso da medida. E' exuberante, prodigo, mesmo, com alguma sequencia nas idéas e poder de logica.

EDUARDO VII (Andaraí) — Espirito meticuloso, calmo, amigo dos detalhes e das minucias, mediocre, economico. Certa curiosidade e reserva, um pouco de presunção e falsa modestia. Amigo do estudo, envergonhando-se quando não sabe responder com acerto a qualquer questão que lhe proponham.

Atencioso, delicado, amavel, tendo na sua assinatura sinais que indicam gostar do misterio, das situações complicadas, embaraçosas...

KIKI (Cidade do Salvador) — Letra miudinha e arredondada, mostrando economia, bondade, doçura, gentileza. Ha mais outros sinais de inconstancia, fantasia, sentimento artistico, pendor literario.

Amiga da ordem, é reservada nos seus juizos e bastante nervosa, controlando, entretanto, as manifestações exteriores do seu nervosismo. Trabalhadora e em extremo delicada.

RABINDRANATH TAGORE (Muzambinho) — Alma de poeta, sonhadora e mistica, vivendo em um mundo á parte, cheio de miragens e fantasias da sua fertil imaginação. Tem altas aspirações, ambição de gloria, alegria de viver, iniciativa propria. Tudo isso é ainda mesclado de um certo orgulho natural. E' franca e o modo de grafar o til dá idéa de bastante independencia de caráter.

LALÁ (Rio) — E' uma creatura leal, franca, decidida, muito senhora de si mesma, com opinião formada a respeito do que a cerca e dotada de

Concurso de Contos do PARA TODOS...

O Concurso de Contos do "Para todos..." será encerrado no dia 29 de Agosto definitivamente. Depois dessa data não mais receberemos qualquer original.

bastante energia, força de vontade e perseverança que pode parecer teimosia. Nunca se arrepende do que faz, e se acontece, raramente, isso não o demonstra a ninguem. Tem grande poder de logica e concatenação de idéas, sendo amiga das comodidades, do proprio luxo, mesmo.

RIO APA (Rio) — Interessante sua carta de agradecimentos cujo recebimento já devia ter acusado, porém outras respostas de mais urgencia demoraram as linhas que ora lhe endereço. Antes tarde do que nunca... Continúo aqui ao seu dispôr... para futuros estudos grafologicos.

RICARDINA (Rio de Janeiro) — As duas linhas que mandou são escasso material para um estudo. Entretanto vê-se temperamento voluvel, indeciso, um tanto impulsivo e... revolucionario. Gestos autoritarios, volupia de ordenar e ser obedecida sem observações nem restrições. Certa displicencia quanto ao modo por que poderá ser julgada sua conduta.

RICARDO (Rio de Janeiro) — Mesma deficiencia de material para estudo, notada na consulente anterior. Vê-se, entretanto, futilidade, bastante inconstancia, hipocrisia mesmo, não parecendo ser da mesma pessoa as duas assinaturas enviadas. Qual das duas é a verdadeira? Talvez nenhuma delas. Espirito fatuo, convencido de imaginaria superioridade.

TRISTÃO DE ISOLDA

O DRAMA DAQUELLA NOITE

POR EPICTETO FONTES

SÓZINHA, no silencio da noite, lias, com embevecimento, os versos encharcados de pranto do teu Verlaine. Uma das mais doces impressões da vida é, no gasalho carinhoso e calmo do lar, ouvir a tragedia de um coração distante, que desmaiou de angustia entre brancas mãos de mulheres e paisagens brancas de neve e cujos soluços chegam ainda até nós através de rimas eternas, como notas de um violino de sonho.

Les sanglots longs,
Des violons
Dans l'automne,
Blessent mon coeur
D'une languer
Monotone...

Lias... Pela janela aberta espiavam-te as trepadeiras em flor e se desenhava um retangulo negro a calma estrelada da noite. Lias... E no teu claro peito, comovido, batia docemente o coração. Não te perturbavam o enleio os ruidos exteriores. Em torno a aragem branda fazia ondular as cortinas de renda; em ti, a emoção fazia-te arfar o corpete de gaza:

Ouvre ton âme et ton oreille au son
De ma mandoline...

Pela janela aberta penetrou o aroma do teu quarto, borboleteando ás tontas, uma estranha e doida mariposa. Viera de longe, desgarrada e trêmula, namorando os lumes dos pirilampos, os reflexos palidos do rio e as lampadas pequeninas das estrelas altas... Filha humilde da noite, trazia uma alma sequiosa de luz e o corpo coberto de cinza côr de folha morta. Depois de revolutear perdidamente em tôrno aos teus olhos, arremeteu ás cegas de encontro ás franjas de oiro de teu "abajur", onde moram passaros e dragões de prata, dansou-lhe em tôrno uma dansa de vôo e morte e veio afinal caír, assustada e atordoada, na pagina do teu livro, arfando de cansaço, com dois olhitos negros e redondos como dois pingos minusculos de tinta. As suas patitas gordas de cinza mal sustentavam o tremito das asas partidas como dois mantos rasgados de uma só mendiga. E toda ella palpitava, estremecia namorando-te, deslumbrada, apagada, sombria, miseravel e rôta.

Sim! Era verdade! Dentro da noite estrelada havia pois, no universo alguma cousa mais bela do que a luz? mais atraente, mais fascinante do que a luz?

Oh! o encanto, o espanto da nimfula deante de tua imagem!

Foi quando te aborreceste daquela adoração e tua mão côr de rosa sôbre ela abateu de subito e na página lirica ficou apenas uma mancha de cinza ensanguentada.

+ + +

Desde aquela noite, venho a pensar, sem querer, no drama da mariposa morta e no tragico destino de uns labios trêmulos de amor...

São Paulo.

Frances Dee e o seu cachorro

Lupe Velez

GRETA GARBO

Juliette Compton

GENEVIEVE TOBIN

Villa d'Este (Tivoli, Roma) — Quadro de Annita Maefatti

PINTURA

O MODERNISMO DE PORTINARI

E exposição Portinari, nêste melancolico fim de mez, veio acordar mais uma vez as modernas correntes esteticas conduzidas aqui e ali por espiritos ageis e vigorosos ou exploradas por alguns cabotinos sem expressão no dominio das artes plasticas. Não discutiremos as télas de Portinari. A arte moderna aboliu analise das sombras, a metafisica dos tons, oferecendo á inteligencia universal outras sensações de alegria e de beleza, até ha pouco ignoradas. O que importa saber é a energia creadora de Portinari, o seu conceito social da pintura, a amplitude das suas faculdade imaginativas, a sua conciencia comica. Portinari conciliou o arrojo de fórmas com a simplicidade de linhas. Deixemos a sua tecnica para os explicadores particulares de geometria. No ambiente môrno em que se definem os nossos problemas de arte, na selva obscura em que se debatem as graves questões psicologicas da nacionalidade — a tristeza brasileira, a indisciplina brasileira, a organização brasileira — a unica saída logica é ainda a espiritualidade da cultura, a marcha do nosso pensamento através das equisições da ciencia e da arte. A ciencia investiga, procura deslumbrar o mundo com as suas conquistas quasi milagrosas, enquanto a arte se força em mostrar o desencanto do passado, com os seus dogmas e os seus canones estruturalmente iguais.

* *
*

Camille Mauclair, tratando da crise da arte, disse que a pintura atual é uma doente, uma angustiada, porque nossa epoca, votada á ciencia e á indústria, satisfaz os desejos mais delicados pela ceramica, pela vidraria, pelas joias, pelos tecidos e pelas multiplas apresentações dessa eletricidade que renovou a epoca com os costumes. Fôra impossivel conciliar o severo, rude humanismo de Mauclair com imaginação dos pintores, escultores, músicos, poetas e architetos que não conheceram os "seculos de alta creação, o impulso da fé religiosa ou o orgulho de fixar os fatos da história". Êle reconhece que os assuntos diminuem com as télas e as conciencias, mas não admite o enfado de reproduzir a natureza nem a "pintura dos estados de sub-conciencia e redução da natureza a alguns esquemas". O espirito moderno não póde reconhecer a anarquia das artes plasticas e esperar que o cáos atual se reconstitua. Cabe-lhe um papel ativo, vigilante, nessa epoca de doutrinas extremadas. Pintura não significa luxo. O canto de rebeldia dos mineiros de New Castle e a miseria heroica dos bufarinheiros do Oriente respondem a um largo periodo de especulação artistica. Camille Mauclair desconfia demasiado dos recursos e das fôrças da arte moderna, que reputa exausta, confusa, desequilibrada, chegando a acentuar que a pintura, outrora esplendida, vegeta numa direção falsa, vazia de substancia intelectual, e, desconsiderada por uma exploração cinica, definha e volve ao balbuciamento da pseudo ingenuidade. Todavia, Cézane não viveu a epoca do conde Orgaz nem assistiu á festa de sangue e liberdade da Revolução Francesa. Tão brutais e vulgares se apresentam, aos defensores do passado, as obras de Matisse como terrivelmente academicas, polares, iguais se patenteiam aos olhos contemporaneos as télas vedadas em Montparnasse.

* *
*

Os mais graves estetas europeus mostram que a creação de uma nova arte, de uma nova beleza, a fixação dos principios de uma nova corrente não se conseguem senão através de laboriosas tentativas, de persistentes esforços, no decurso dos quais surge naturalmente uma produção aberrante, por vezes monstruosa, que repugna á sensibilidade das maiorias, que está longe de representar aquisição definitiva no dominio da arte. Da poesia vem a ansia libertadora, um fremito de imagens novas, graciosas, ora ásperas e agressivas, ora doces e ingenuas. Da arquitetura sobem linhas e volumes de impressionante naturalidade e disciplina. Da pintura se espraia um objetivismo forte, um colorido violento, que atordoa e avassala a burguesia academica. A obra de Candido Portinari deriva do tumulto creacionista, como todos os seus traços singulares de libertação, de "revivescencia cosmica, de renascimento sensorial, de ultra-concepcionismo", e procura fustigar as investidas do isso mesmo, sacudir missangas e quinquilharias, abrindo os braços ás luzes douradas do tropico, onde a melodia dos planos se mistura ao clamor de barbarias imemoriais. Portinari não irrita. Devassa a verdade de hoje para conquistar a beleza de amanhã. Uma pintura indolente aceitou, por muitos anos, o formalismo dos velhos canones, o estilo cousa feita, repetição teimosa, para depois especular a floresta brasileira, improvisando

(Termina no fim do numero)

BEZERRA DE FREITAS

Fluminense Foot-Ball Club

A séde da rua Alvaro Chaves

Dois grupos posados para "Para todos . . ." durante o grande baile que encerrou as festas de aniversario.

Chegada do Dr. Laudo de Camargo ao Palacio..

O NOVO INTERVENTOR DE SÃO PAULO

O Largo do Palacio quando se empossava o Interventor.

Venus e Miss Pankurst

Dr. Aníbal Barros Carrall, Diretor da Imprensa Nacional
(Caricatura de Alvarus).

NESTA vez você ganhou mesmo. Foi uma vitória linda! E eu corri logo a cumprir os deveres das vencidas: as jarras estão de novo com flôres; as toalhas de renda e crivo saíram das gavêtas para as mesas e os toucadores; e as cortinas brancas e leves bimbalham nos vãos das janelas abertas, como se fossem os sinos leves e brancos da ermida romanesca do nosso amor.

Todos os aspétos, dentro de mim e fóra de mim, indicam que desta vez você ganhou mesmo. Tudo por causa do uniforme da comandante da polícia feminina inglesa. Eu sou feminista e você compreende que isto não é culpa minha. Desde pequena me incitaram a defender os meus direitos, a ambicionar os meus prêmios, a marcar e conquistar os meus alvos. E fui crescendo assim, um mixto de Venus e de miss. Pankurst; você, que descobriu o brasil da afinidade de nossos temperamentos, tem feito o possivel para amar esta Venus e condescender com esta exigente miss. Pankurst... Mas, de vez em quando, principalmente nas ocasiões de congressos feministas, a deusa famigerada do sufragismo inglês ousa ter predominio, em meu subconciente, sôbre a deusa romana que você e todos os homens tanto querem e cultuam.

Ousa apenas, porque a minha atitude de agora prova bem que Venus é ainda o substrato da individualidade da mulher moderna.

E tudo por causa daquêle uniforme que me aproximou, arisca e perscrutadora, da notavel senhora Allen, um tipo dominador, sagaz, erudito.

Quanta pena senti, diante dêste caso concreto de masculinização, das mulheres nobres, inteligentes e boas, que resvalam pelas anfratuosas penedias do terceiro sexo! Foi por isso que voltei para o nosso doce e agrste campanario de amor, muda e humilde e encolhida ao lado de você, com receio, quasi com pavor, de que algum dia miss. Pankurst tambem venha a destruir, dentro de mim, a Venus acentuadamente feminil.

Você venceu mesmo! E eu desempenho, satisfeita, as tarefas das vencidas. Ha corolas garridas nas jarras; os moveis sorriem, embevecidos, ao contacto das rendas; a brisa se introduz languidamente nos aposentos, através das cortinas brancas e leves... Além destas gratas e suaves ocupações, estou seriamente empenhada em compôr uma tese: — que o governo brasileiro, como no tempo de Ramsés II, ordene a morte das crianças do sexo feminino, que nascerem com a tara de miss. Pankurst mais acentuada do que a tara de Venus... E se acontecer escapar alguma pequenita de sexo irreconhecivel, qual novo Moisés salvo num cestinho, seja abandonada no deserto da recusa social, sem tenda, sem agua e sem maná...

Else Mazza Nascimento Machado

VAMOS para

PRIMEIRO ACTO

Primeiro Quadro

(O cenario representa um apartamento de hotel de luxo. O mobiliario aparece todo pintado, a não ser uma poltrona de mola, que tem ao lado um abat-jour e uma mesa com uma vitrolinha e um telefone. Sóbe o pano. Abre-se o velario. Meia luz de tons azues).

MISTINGUETT que Josephine Baker destronou

CENA I

LISETE

(Só) (Lisete, os cabelos cortados, uma longa piteira entre os dedos, fuma languidamente. Na vitrola canta muito baixinho um tango triste. Ela acompanha, de vez em quando, a letra do tango.)

CENA II

LISETE e a CRIADA

(Batem á porta)

Lisete

Quem é?

Criada

(De fóra) A criada.

Lisete

Avante...

Criada

(Entrando) Umas revistas para a senhora. Entregaram na portaria. Parece que tem um cartão.

Lisete

(Fazendo parar o disco) Não sabe quem foi?

Criada

Não...

Lisete

(Abre as revistas e lê o cartão). "Para você não conjugar o verbo esquecer"...

Criada

Bonito...

Lisete

Você acha?

Criada

Deve ser um moço muito fino... A senhora conhece?

Lisete

Mais ou menos...

Criada

Gosta dêle?

Lisete

Depende da experiencia...

Criada

Que maldade! Então, a senhora não tem coração...

Lisete

Não tenho mesmo. Sou uma domadora de corações... Sempre gostei de brincar com a paixão dos outros por mim...

Criada

Eu seria incapaz disso...

Lisete

Os homens são todos iguais, minha filha... Eu sou a vingadora de todas as mulheres que êles enganaram.

Criada

Por que vivo então o dia inteiro tocando tangos "á meia luz" tão baixinho?...

Lisete

Porque eu gosto do tango...

Criada

E sente tambem?

Lisete

Tambem...

Criada

Não sabe que o tango é o hino oficial do amor? Que faz ter saudade? Que faz pensar num amor que já existiu e que não volta mais?

Lisete

Sei...

Criada

Não sabe que o tango tem a atração das cousas tristes, dos amores que já morreram?

Lisete

Sei...

Criada

Quem vive assim, como a senhora, o dia todo pensativa diante de um disco a rodar, tem uma saudade que precisa deixar de ser saudade...

Lisete

(Dando três pancadinhas no dorso da piteira, num sorriso). Você é muito romantica, minha filha... Não creia nisso. E no amor tambem... Olhe bem para mim! — eu sou uma domadora de corações...

Criada

Quem rir por último rirá melhor... Dá licença que me retire?

Lisete

Toda... E traga um maço de "Camel".

Criada

Sim senhora. (Sái)

CENA III

LISETE

(Só) — Põe outro tango a tocar, acende um outro cigarro. Ha no seu rosto uma expressão de tristeza. Os olhos fundos, parados, fixam a fumaça do cigarro que baila em volta do abatjour. Ha um silencio e uma pausa. Só se ouve, bem baixinho, a melodia do tango. Toca o telefone. Sem mexer o corpo, Lisete atende.)

Alô? Lisete... E' o Moacir? — Como vai você? — Recebi... O cartão tambem... Como dizia? — "Para você não conjugar o verbo esquecer"... Não o conjugarei, não... Você tem muita simpatia por mim?... Eu tambem... por você... Não acredita? Já, nêste momento, não pode ser... Tenha paciencia... As coisas mais gostosas são as mais demoradas... Menos o amor? Pois o amor é que é bom assim... E'... Bem demorado... — O meu tipo?... Alto, magro e louro... Você é alto, forte, e moreno? Talvez se dê um geito... — Como eu gosto de ser tratada? Com muito carinho... Sou uma piratinha, mas com muito carinho torno-me romantica... (Ri gostosamente). Acha então que eu dei a minha "pinta"? Quem sabe... Gosto de ajudar a quem me quer conquistar... Não... Não sou facil, não... muito dificil até... E' preciso que o camarada faça um pouco de força, que sofra um bocadinho... A's vezes, estou gostando e dou a entender que não estou... — Aô Copacabana? — E' provavel... Se dou esperanças? — Tenha um pouco de paciencia. O seu amor é intenso? — Pois eu não creio mais no amor. Nunca soube o gosto que tem essa coisa... O amor torna a gente cretina... Ponha uma mulher fatal na vida de Mussolini e Mussolini baixará a cabeça... Não acredita? — Que é que hei de fazer? — Então, até logo... Um beijo? — Amanhã... (Desliga) (Tem atitude de preguiça. Acende um outro cigarro. Fóra, alguem começa a assobiar "No te quiero mas..." No rosto de Lisete ha então uma expressão de tristeza. O assobio continúa.)

"No te quiero mas
Ni te puedo ver
Me dedico a la garufa,
Y ya tengo otro querer."

(Ela fica como que tomada de uma grande saudade e, quando a quadra se repete, atira ao chão a piteira e exclama, com desespero:) Maldito tango!

CENA IV

LISETE e a CRIADA

Criada

(Entrando) Que é isto, dona Lisete? A sra. tambem está sofrendo da classica dôr? Olhe o seu cigarro...

Lisete

Não... Eu estava desesperada com essa vitrola aqui do lado. O disco é sempre o mesmo, e é do século passado: "No te quiero mas... No te quiero mas..."

Criada

E que recordações que êle traz, hein, dona Lisete?

PEÇA EM 7 QUADROS DE

IBRASIL GERSON

PERSONAGENS
LISETE ....
MOACIR ....
O CORONEL ....
O HOMEM QUE FALA SOZINHO ...
O GARÇON ....
A MENINA DO CÉGO ....
O CÉGO DO VIOLINO ....
A CRIADA ....
A OLHO DE GATO
O MALANDRO .....
A ESPANHOLA ....
A MULHER DE VERDE ....
O CABARETIER ....
A MULHER DE AZUL ....
(Podem ser incluidos na peça alguns números de variedade, desde que não prejudiquem os dialogos).

Lisete
Que recordações?
Criada
Aquêle moço alto, do ano passado, que nunca mais voltou...
Lisete
E' para você ver: aquilo que a gente espera não vem...
Criada
O que vem é o que a gente não espera...
Lisete
Imagine agora a minha paciencia para suportar êsse outro que telefonou, êsse que sabe dizer coisas bonitas só pêlo telefone...
Criada
Telefonou de novo?
Lisete
Telefonou...
Criada
Dizendo o que?
Lisete
Perguntando se eu tinha recebido as revistas...
Criada
Mas que "gaffe", dona Lisete!
Lisete
Por que?
Criada
Se foi êle que mandou o presente, êle tinha que esperar o agradecimento da sra. pelo telefone... O dr. Guilherme disse que isto é um detalhe indispensavel nos romances que se iniciam...
Lisete
Por aí você pode ver como êle está impressionado por mim: nem espera que eu agradeça.
Criada
Terá dinheiro?
Lisete
Parece que não... Se tivesse, seria outra coisa...
Criada
Por que de gigolôs...
Lisete
Ah! De gigolôs eu sei o que devo fazer... (Como se fosse de proposito, a vitrola do lado começa de novo: "No te quiero mas"...)
Criada
(Com um sorriso malicioso) E' da vida, dona Lisete...
Lisete
Mas é insuportavel! Está ouvindo: mudo-me hoje mesmo de quarto! Quero um que não tenha nenhuma vitrola perto!
Criada
(Num outro gesto malicioso, passando a mão pêlo cotovelo) Console-se, dona Lisete! Mas como é gostosa! A sra. não acha?
Lisete
Não...
Criada
Confesse: é gostosa... Por que só a esperança de fazer as pazes de novo e de recomeçar com mais entusiasmo, só essa esperança, dona Lisete, é um colosso!...

(e fecha-se o velario)

SEGUNDO QUADRO

(O cenario representa o recanto de um cabaret, com perspetiva. O fundo deve ser transparente, para que se possa fazer aparecer silhuêtas de bailarinas, freguesês, etc. etc. Terá pintado no proprio fundo um grande abat-jour. De um lado e de outro uma pequena fonte luminosa)

CENA V

O CORONEL e MOACIR

(O coronel está só, numa mesa. Entra a seguir Moacir)
Moacir
Meu caro coronel!
Coronel
Você tambem gosta de cabaret!
Moacir
Que seria do mundo sem o cabaret, Coronel?
Coronel
Mas isto hoje está morto. Não ha movimento.
Moacir
E' cêdo, ainda... Ou a irise talvez...
Coronel
Como vái você da amores?
Moacir
O caso que me interessa agora, parece-se com uma peça de Pirandelo, no segundo áto. Não sei qual será o desfecho...
Coronel
Você complica assim as mulheres?
Moacir
Eu acho que a mulher deixaria de ser fatal quando fosse logica. Ela tem que ser uma reticencia. Uma reticencia que já foi ou que será um ponto de exclamação ou de interrogação...
Coronel
Não admito mulheres mysteriosas. Confio muito na minha tática. Olho firme para a mulher e decifro-a num momento. Depois é "canja". E' só pegar. Acerto mais nas mulheres do que o Alvear nas corridas...
Moacir
Faço questão de ser, então, o seu discipulo...
Coronel
Você vaí ver. Hoje tenho um encontro aqui com uma mulher adoravel. Ela tem muita fé na sua astúcia. Mas eu vou mostrar-lhe como se domina uma mulher astuta.. Preste bem atenção...
Moacir
Adoro os mestres, Coronel. (Tira a carteira de cigarros) Fuma?
Coronel
(Aceitando) Obrigado. (Acendemos os cigarros)

CENA VI

Os mesmos e o CABARETIER
Cabaretier
(Entrando da E. e falando uma lingua mixta de francês e português) Senhores, tenho hoje o prazer de apresentar-vos a gentil divete Marieta, que cantará uma linda canção do seu repertorio!

(Continúa no proximo número)

JOSEPHINE BAKER que tomou cônta de Paris

Um grupo dos assistentes ao Concerto realizado pela Sociedade "Austria" em homenagem ao grande compositor austriaco Franz Schubert. Vê-se no centro S. Excia. o Sr. Ministro da Austria e Exma. Snra. com os artistas que tomaram parte na festa.

Almôço de despedida no Palace Hotel a Miss Berta Pulem, Diretora da Escola de Enfermeiras que embarcou para os Estados Unidos

DESENCANTAMENTO...

(PARA VOCÊ, EMILIA.)

DE REGINA LAURA

RUMOROSAMENTE, indiferentemente, partiu nêste momento a ultima andorinha, levando para o desconhecido, para a dor ou para a alegria, os moveis de meu quarto de moça. Foi-se dêle a ultima lembrança material, o ultimo resto de prazer do meu "eu" ardente e insatisfeito. Agora está vazio de tudo o que lhe dava beleza e vida — dos moveis claros que o habitavam, das divinas quinquilharias que a moda inventou para a delicia dos olhos e dos sentidos. Está vazio para os outros, para os indiferentes. Não para mim que sinto nêle, latente, todo o meu passado ainda curto, — mas tão agitado! — todos os sonhos prateados da minha mocidade.

Está vazio o meu quarto... E dentro de poucos momentos tambem eu partirei, deixando-o só e triste, tirando o ultimo raio de alegria que ainda dá vida ás suas paredes nuas — a minha presença de mulher moça que a vida ainda não enfeiou — Ir-me-ei, entretanto, e partirá comigo a mocidade... Que virá depois? Que vida, sonhadora ou realista, boa ou egoista, povoará o meu quarto de moça? Que olhos claros como as madrugadas de verão, ou escuros como as noites sem lua, se pousarão sôbre estas paredes amigas? Nelas que tantas vezes tiveram, pensativos e sonhadores, os meus olhos de luz incerta como o entardecer, pousar-se-ão ainda outros olhos semelhantes? Ou virá alguem cujo pensamento se volte apenas para o grosseiro utilitarismo da vida? — Ah! meu pobre quarto... que tristeza conhecerás então! Como tombarás, inutil e comum, entre a legião de todos os quartos sem alma e sem ideal, tu a quem eu emprestei um pouco da minha, desta alma desejosa e moça, tão cheia de sonhos, que os espalhava, inconcientemente, perdulariamente, por onde passava, em uma expansão necessaria e confortadora! Foi assim que eu dividi contigo, meu pobre quarto amigo, esta alma que aqui fica, entre as tuas paredes, nos teus menores recantos, vagando, incerta e triste, como esse outro pedaço dela mesma, que se vai comigo, para o desconhecido, para a alegria ou para a dor...

De vagarinho, muito de manso, fecho para a luz e para a vida as janelas que sempre viveram abertas, numa necessidade de ar, de luz, de barulho. — Estás escuro, meu quarto amigo... estás calado como a minha propria boca que não se descerra no receio de alguma queixa que é preciso calar... Durante alguns dias ficarás assim, silencioso e sombrio. Depois virá alguem... alguem que eu ignoro... que abrirá sem cuidado estas janelas que eu fechei... e ir-se-á então o trapo da minha pobre alma que aqui ficará encarcerada... partirão os meus sonhos ingenuos ou exigentes... as minhas recordações tão boas ou tão tristes... a lembrança feliz do meu primeiro beijo de amor, que confiei, deslumbrada, á tua discrição amiga... Tudo fugirá á presença de estranhos, e com que tristeza eu o sinto! Até mesmo a lembrança da minha primeira lagrima de desilusão me atrista no momento da partida. Ela me aparece nublada como me aparecia o proprio destino, através do sofrimento, esse destino insondavel que ainda nêste momento me surge cheio de misterio, e me enche de lagrimas, novamente, os olhos castanhos, meus pobres olhos doridos.

Adeus, meu quarto, guarda ainda, por uns dias, a minha alma, os meus sonhos, o resto do meu "eu" ardente e insatisfeito. Depois... quando vier alguem... solta pela janela, para o céu, para bem longe, o tesouro que te confiei nêstes anos em que foste meu amigo... meu pobre quarto de moça... adeus...

E de mansinho, em silencio, as lagrimas nos olhos, fecho a porta que guardará ainda, por alguns dias, dentro dêste quarto que foi meu, a saudade do meu sonho desfeito, a lembrança da minha primeira lagrima de desengano... a gloria do meu beijo de amor...

Enlace
Marina Torre
Noé Augusto de Gouvêa

ESCOLA
ANNA NERY

No dia da inauguração da assistencia á maternidade. Senhoras e senhoritas presentes. O Professor Olinto de Oliveira lendo o discurso de inauguração. Na mesa, ao centro, a Senhora Getulio Vargas.

Feira de Amostras

Com a presença do Dr. Getulio Vargas, Chefe da Nação, sua Exma. esposa, vários ministros de Estado, o interventor Dr. Adolpho Bergamini, jornal'stas e mais pessoas gradas, inaugurou-se na tarde de 25 de Julho ultimo a Feira Internacional de Amostras da Cidade do Rio de Janeiro.

Esta solenidade, uma das mais esperadas em nossa capital, pelo que de movimento chic, elegante e comercial costuma trazer, tem tido uma brilhantiss'ma concurrencia, desfilando presentemente milhares e milhares de pessoas, dia e noite, ante os ricos, artisticos e curiosos mostruarios que alí estão expostos.

Tradição, já, em nossos fóros de cidade cosmopolita, a Feira Internacional de Amostras é o centro, o "rendez-vous" da elegancia carioca.

E o brilhantismo com que este ano foi inaugurada, deve-se em primeiro logar ao apoio e esforço elogiavel do Dr. Adolpho Bergamini — elogiavel sob todos os aspétos — e ainda á actividade do Sr. José Vergueiro Steidel, presidente da Comissão, auxiliado pelos Srs. Pinheiro da Fonseca e Thomaz Guimarães.

Além dos "stands", todos localizados no Palacio das Festas, encontram-se tambem no recinto da Feira vár'as diversões, no genero das que o Rio conheceu quando da Exposição do Centenario, nêsse mesmo local, havendo bôa organização de bilbeteria e serviço de bar.

A iluminação e ornamentação em geral é de grande efeito artistico, sendo a entrada pr'ncipal da Feira de Amostras, em construção, de estilo futurista, bastante interessante.

O Dr. Getulio Vargas, Presidente da Republica, ao chegar ás 16 horas de sabado á Feira Internacional de Amostras, foi recebido pelo Interventor e vários membros da Comissão Executiva, sendo executado o híno Nacional pela banda de música do 1º R. I.

Depo's da saudação feita a S. Ex. pelo Dr. Adolpho Bergamini percorreu o Chefe da Nação todos os mostruarios, retirando-se ótimamente impressionado e entre vibrantes aclamações do povo que se comprimia.

SINDICATO MEDICO

Durante a conferencia do Professor Austregésilo

Professor Clementino Fraga encerrando o Congresso

Assistencia da sessão de encerramento e um instantaneo do baile final

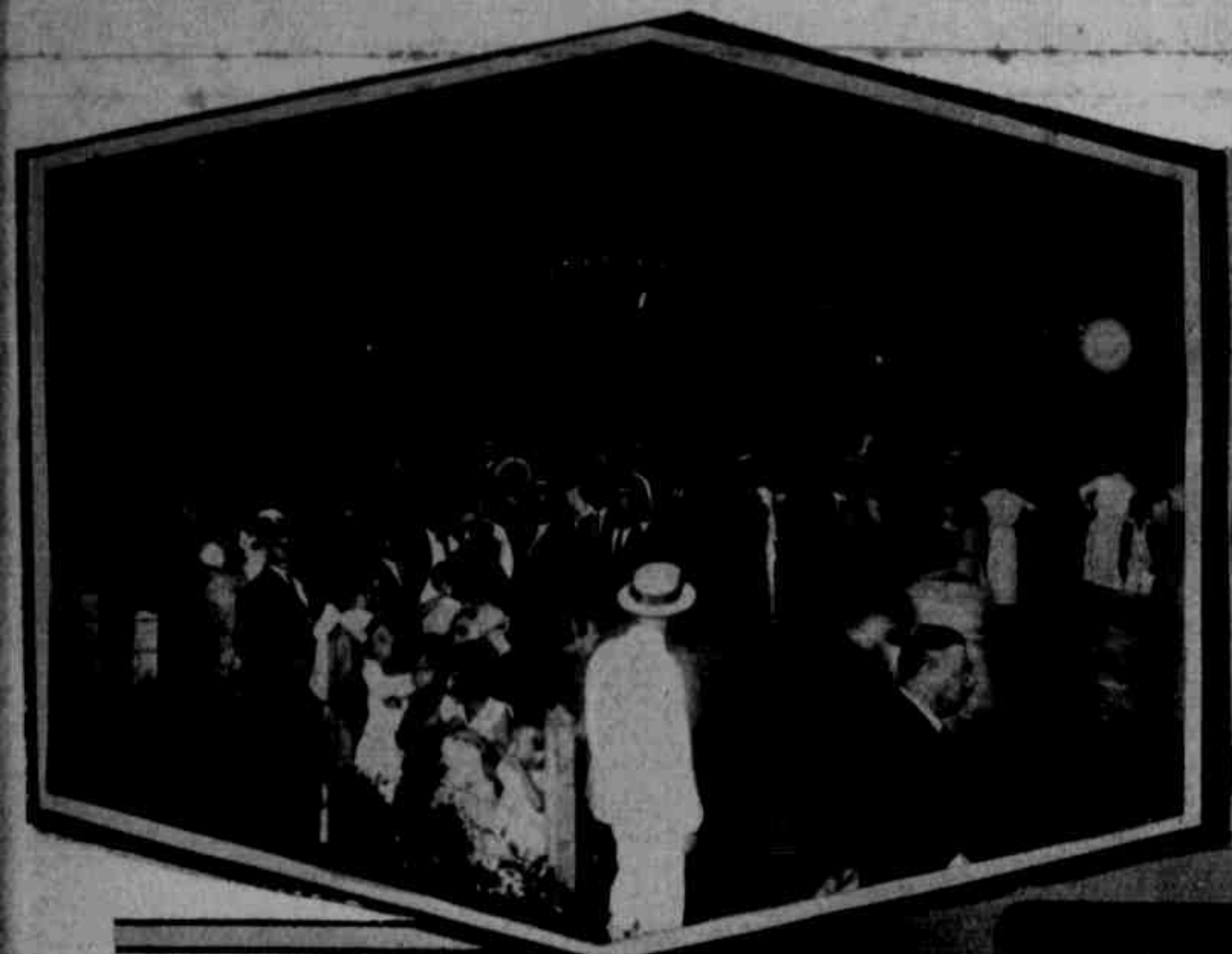
Na inauguração da Feira de Amostras, sabado 25. O presidente da Republica, a Senhora Getulio Vargas, os ministros da Guerra, da Marinha, da Agricultura, do Trabalho, o Interventor do Distrito Federal.

Astistas e amadores que tomaram parte na festa em favor dos Escoteiros da Fóz do Iguassú, no Salão Nicolas.

Senhoras, senhoritas e senhores que formaram
do aniversario da Academi

Da semana que passou

Em cima, á direita: Recepção na Legação do Paraguay. Depois, no salão da Escola de Belas Artes, durante a conferencia da Senhora Belén Sarraga. No chá dansante do Automovel Club. Na noite de arte do Atlantico Club.

...aram o programa do espetaculo comemorativo
...cademia Fluminense de Letras.

Vila Rosaly

Inauguração da iluminação pública. Convidados ás festas de domingo passado. Senhora Dr. Arruda Negreiros presidindo o "lunch" aos convidados.

MUSICA

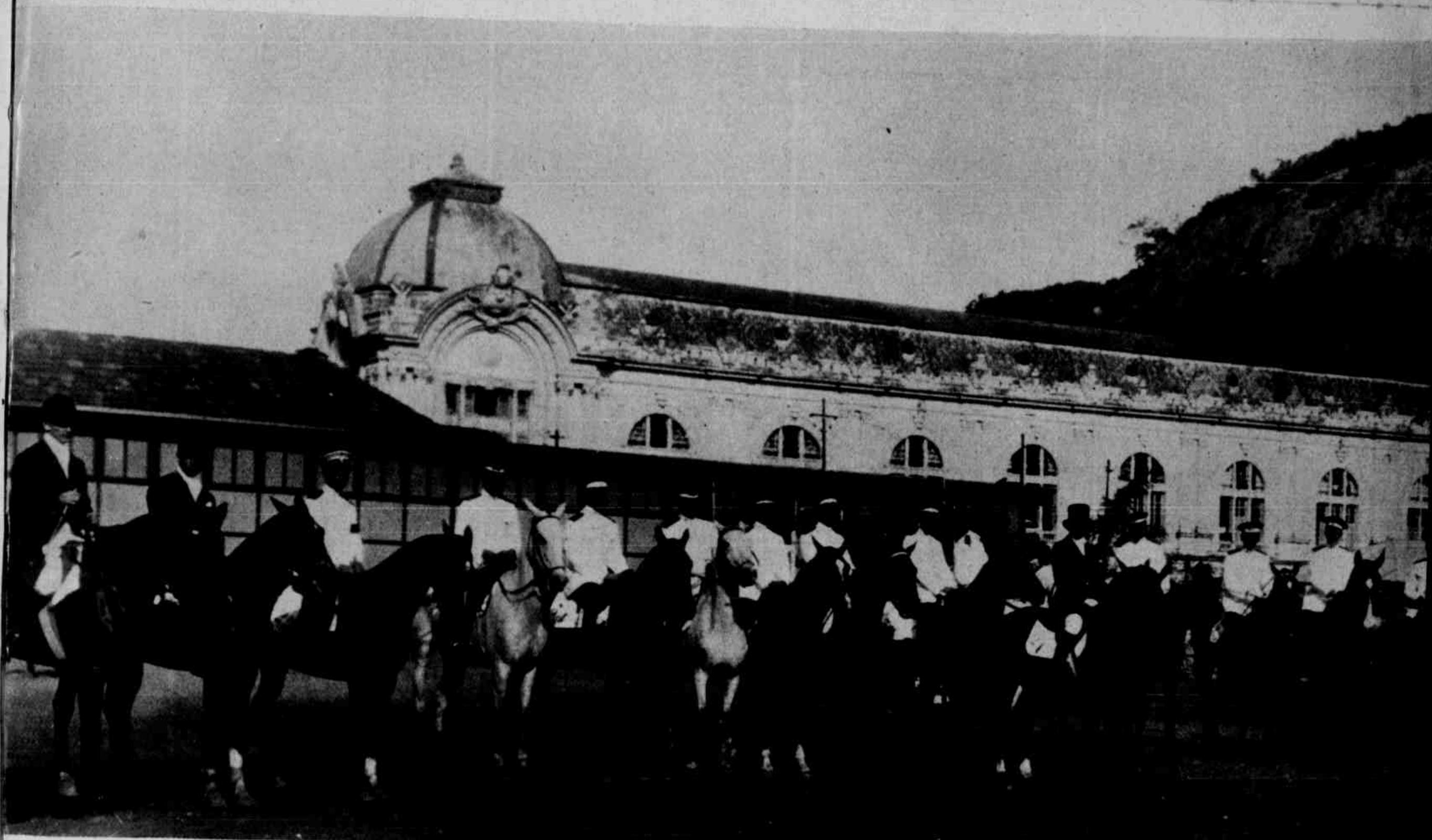
O novo livro da Dra. Ernesta von Weber, lançado agora mesmo, é "Bergamini". Ela, que teve a rara felicidade de ver esgotada, em pouco tempo, a primeira edição do seu primeiro trabalho em português "O Brasil que eu vi", e já promete, para breve, a segunda, pouco tempo depois, nos deu "Figuras da Revolução", e logo em seguida, fresca ainda a tinta dêste, nos apresenta "Bergamini". Em toda essa rapida e notavel sucessão de livros encontra-se sempre a nota dominante da grande simpatia que uma estrangeira ilustre, já brasileira pelo coração, dedica ao Brasil, e não se cansa de manifestar. O seu ultimo trabalho, no qual se encontram, a cada passo, reflexões profundas e felizes, ha de ser lido com grande prazer, e servir de subsidio histórico, tantas são as valiosas informações que contêm.

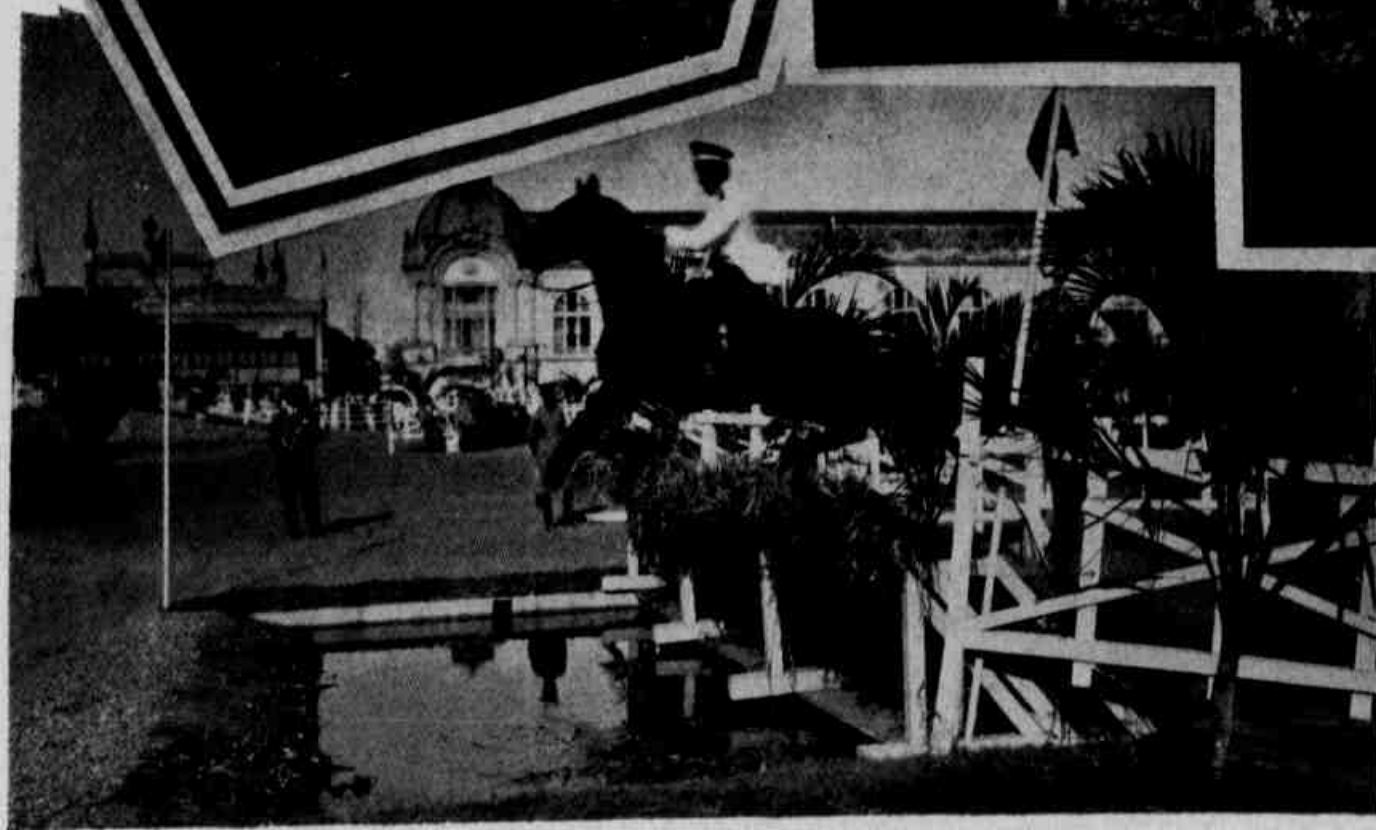
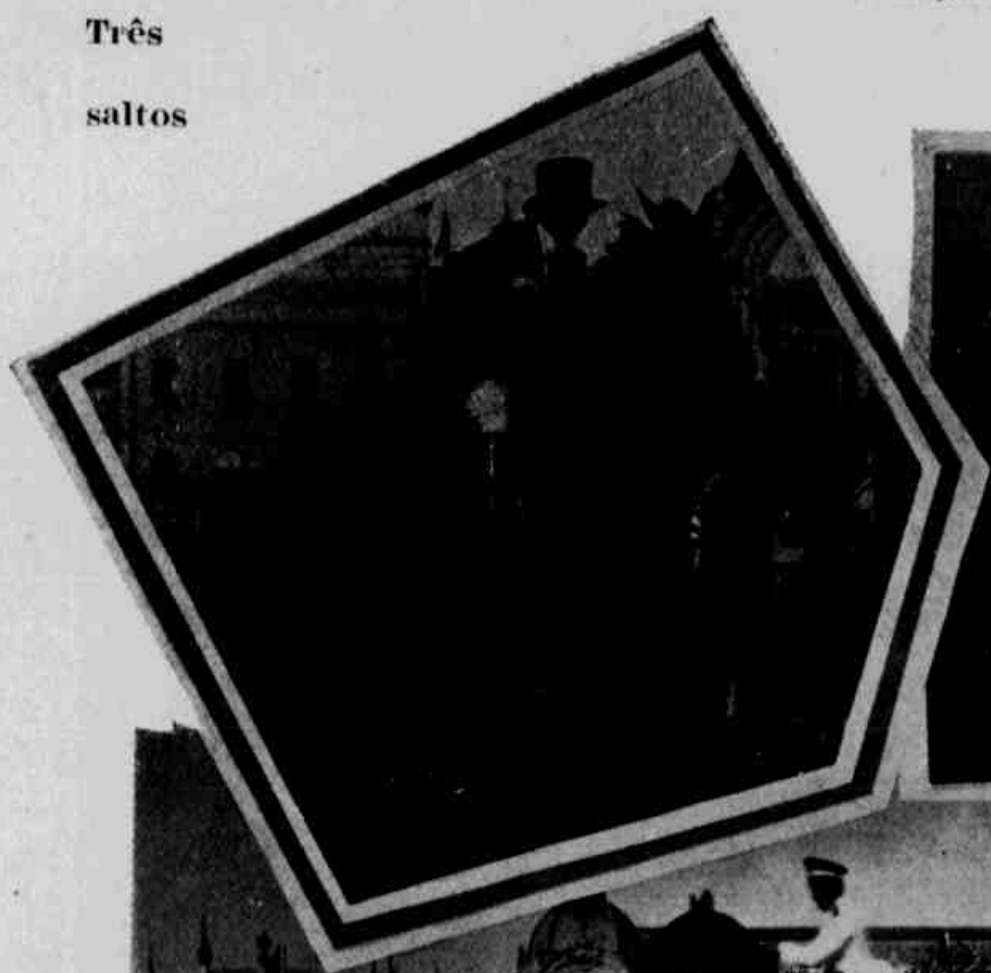
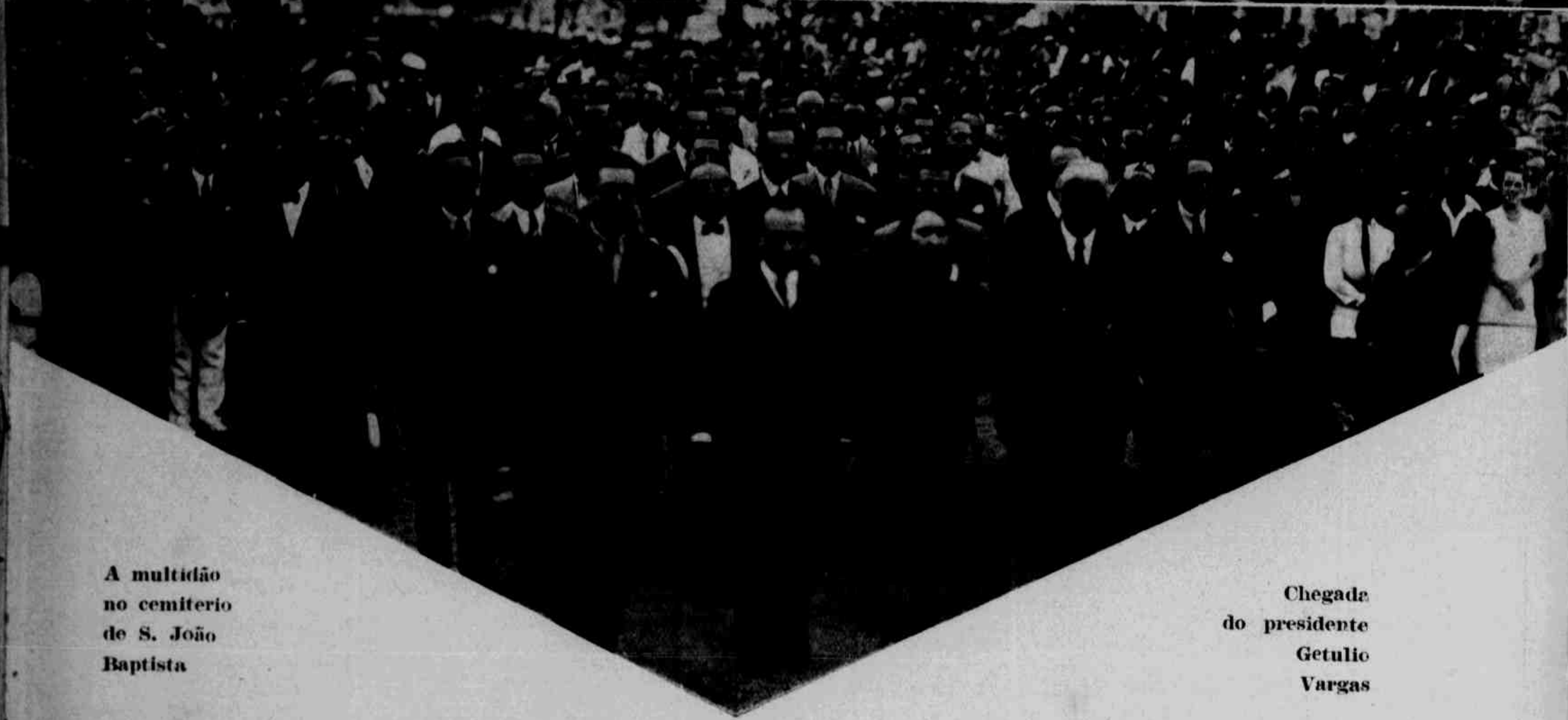
O seu nervoso estílo é de todo comunicativo pela transparencia com que reveste uma alma poetica e uma inteligencia culta.

Ao novo livro está, pois, destinado um grande sucesso de estima e de livraria.

A cantora Lucina Sociro, que está em viagem de estudos pela Europa, e que tem realizado concertos em várias cidades com grande exito. Fotografia feita na Praia de Brighton.

LITERATURA

Doutora Ernesta von Weber, medica austriaca, escritora internacional, jornalista brasileira.

Na reunião de domingo, que foi elegantissima. A linda amazona e os cavaleiros que tomaram parte nas provas. Na assistencia estavam as senhoras André Betim Paes Leme, Benjamim Rangel, José Carneiro Machado, Evandro Chagas, Mario Machado, Ernesto Machado, Pierre Latif, e as senhoritas Bomilcar da Cunha e Maria Thereza de Lima Rocha.

Três saltos

Centro Hipico Brasileiro

A multidão no cemiterio de S. João Baptista

Chegada do presidente Getulio Vargas

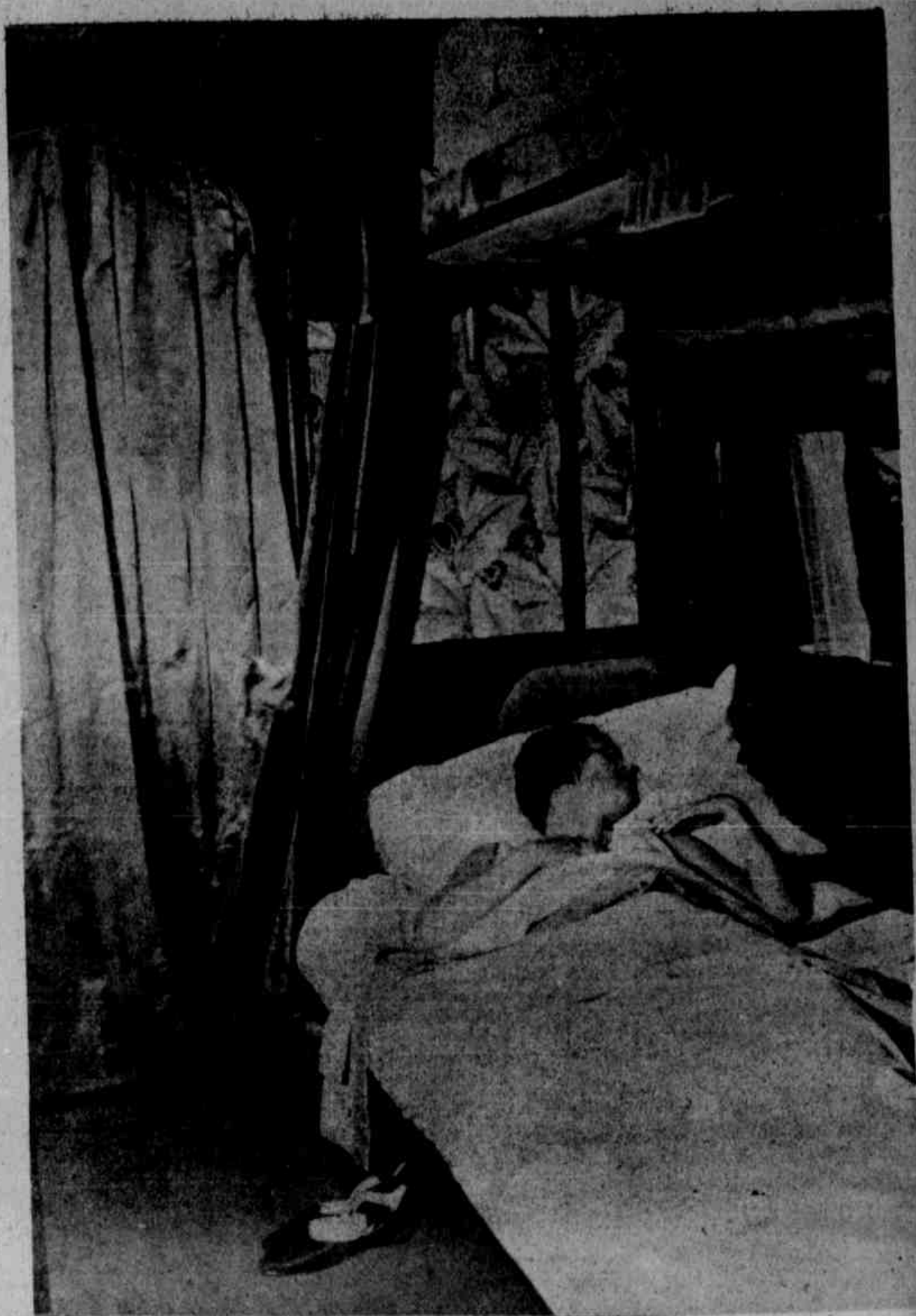
João Pessoa

O Rio de Janeiro, com todo o Brasil, prestou, no dia do primeiro aniversario da morte de João Pessoa, as mais sentidas homenagens á memoria de um dos grandes chefes da Revolução Brasileira.

ROLETA... A VIDA

Um sono tranquilo. Na sua cabine, a passageira do dirigivel dorme sossegadamente a três mil metros de altura.

"FEITO!"... E' o grito fatal!... **Alea jacta est!**... Quem botou a fichinha ou o punhado de fichões conserva o coração mais saltitante do que a bolinha de marfim. Esta gira, regira, cambalhoteia, palpita, sacipererêando dentro da gente. Mais uma volta, mais outra... outra mais... Pára!... "34!" O pessoal havia carregado no "12". Que azar!... Em Monte Carlo usa-se meter uma bala nos miolos. No Brasil, o negócio é diferente. O verde e amarelo esparrama um nome feio pelo pano sedutor e vai para casa dormir... No dia seguinte, volta. Carrega no "3" e no "4". Dá o "7", repetidas vezes. Quando quer o "sector", o "3" emagrece c banqueiro. Deixa mais quarenta paus entre os companheiros. Dá um nome muito mais feio ao pano, sacode a cabeleira, espreguiça, toma cerveja e exclama: "Êta vida desigual!"... Dorme de novo... pra não ficar atôa.

Rolêta. Ambição. Alfa e ômega de todas as cogitações humanas. Todos nós queremos ganhar. Isso ou aquilo, não importa! Ouro, posições, amor, bem-estar, o Céu, etc. Eterno jogo em que nos achamos!... O Destino atira a bolinha com agilidade de malabarista... Faz surpresas. Oferece risos e gargalhadas, angústias e desilusões, lagrimas e dôres... E nossa Vida gira ininterrutamente, fébricitantemente... Certas pessoas, porém, jogam com um cinismo que enoja. Sujam o nome imponente que precisam honrar — Homem. Fazem de sua profissão uma orquestra de todas as baixezas. (Baixezas orquestradas... que desharmonia!) Perseguem, com mentiras, àquêles que precisam tambem ganhar o pão. Esquecem que o sol nasceu para iluminar todos os mortais. Dão sorrisos aos que apelidam amigos e, de longe, escarram sôbre a sua reputação. No entanto sua mão tem calos e seus joelhos tambem. Batem no peito a todo instante e se vergam, genuflexos, deante de imagens. Que religião! Que nojo inspiram semelhantes exemplares da Humanidade!... Os irracionais envergonhar-se-iam de tais homens... Jogam na rolêta da Vida com o dinheiro falso da difamação e do egoismo. Será possivel que o banqueiro eterno dê sorte a individuos tão pequeninos?! Se têm certeza de que o Céu os perdoará, tenham pelo menos, elegancia de verdadeiros homens aqui na terra! Joguem com notas verdadeiras. Encontrarão outras cedulas em seu auxilio. Seus parceiros sabem atirar as fichas pelo caminho bonito: O da solidariedade humana! Ninguem porá obstaculo que carreguem no "15" ou "19". Mas joguem direito! Joguem com distinção! Está pronto! "Feito!"... "Feito!"... O Destino destribue a todos os jogadores as quantias que merecerem, mas obedecendo ao mesmo padrão: O do "amor ao proximo como a si mesmo", frase que certos rezadores se lembram de esquecer... quando muito bem lhes convem. Se aquêle homem extraordinario que se chamou Cristo surgisse, disfarçado, entre esta gente, tornaria seus eleitos a certos ateus, pois, êstes, sem fé, praticam, instintivamente, a solidariedade humana e agem com desassombro magnifico dentro de uma vida que desconhece a hipocrisia. Não batem no peito... pois não conhecem pecados. A sua unica religião é o coração. D'aí se irradia a luminosidade de suas ações. E, assim, fazem o seu jogo... sem enganar a ninguem... abertamente, sem mentir ao filosofo de Belem, o qual tantas coisas sublimes pregou aos homens!... Meu bom Cristo! Não creio que sejas um Deus. Talvez porque eu seja muito pequenino para compreendê-lo... Fé não se impõe. Ter fé é uma predestinação. Mas, Cristo, admiro-te como pregador de verdades humanas, todas saturadas de encantadora filantropia. Certos catolicos, que se dizem teus filhos, atraiçoam-te na rolêta da Vida. Fazem de ti um mau banqueiro... e aí está porque muita gente, ó Cristo amigo, preferem outro a ti... outro um tanto indeterminado, a que deram o nome de Destino. E êle nos concede, muitas vezes, meu caro filosofo, agradabilissimas surpresas, e nos ensina a gargalhar, indefinidamente, com uma superioridade de estetas, de certos adeptos de tua religião, que deslustram, que difamam, que enxovalham!...

JOB FREIRE

MAORI

A TEZ morena, tersa — ambar polido, de côr rara e uniforme.

A cabeleira negra, brilhante e compacta, caíndo-lhe sôbre os hombros nus, pesadamente, como as asas de um pássaro noturno.

Olhos rasgados e profundos, luzindo sob os supercilios de nanquim, com reflexos de vaga nostalgia e voluptuosidades mórbidas. Olhos cismarentos e estáticos, evocando fugidias reminiscencias de uma aucestralidade dormente sob o letargo estranho de um rito tenebroso.

Bôca debruada de polpa coralina, orvalhada de pérolas, rescendente, fagueira.

Seios fremitantes, mornos, flexuosos — ânforas generosas repletas de licôres da floresta.

Quadris ondulantes, em curva insinuante, aptos a sacolejar as saias de rafia sôbre as praias floridas do Pacífico.

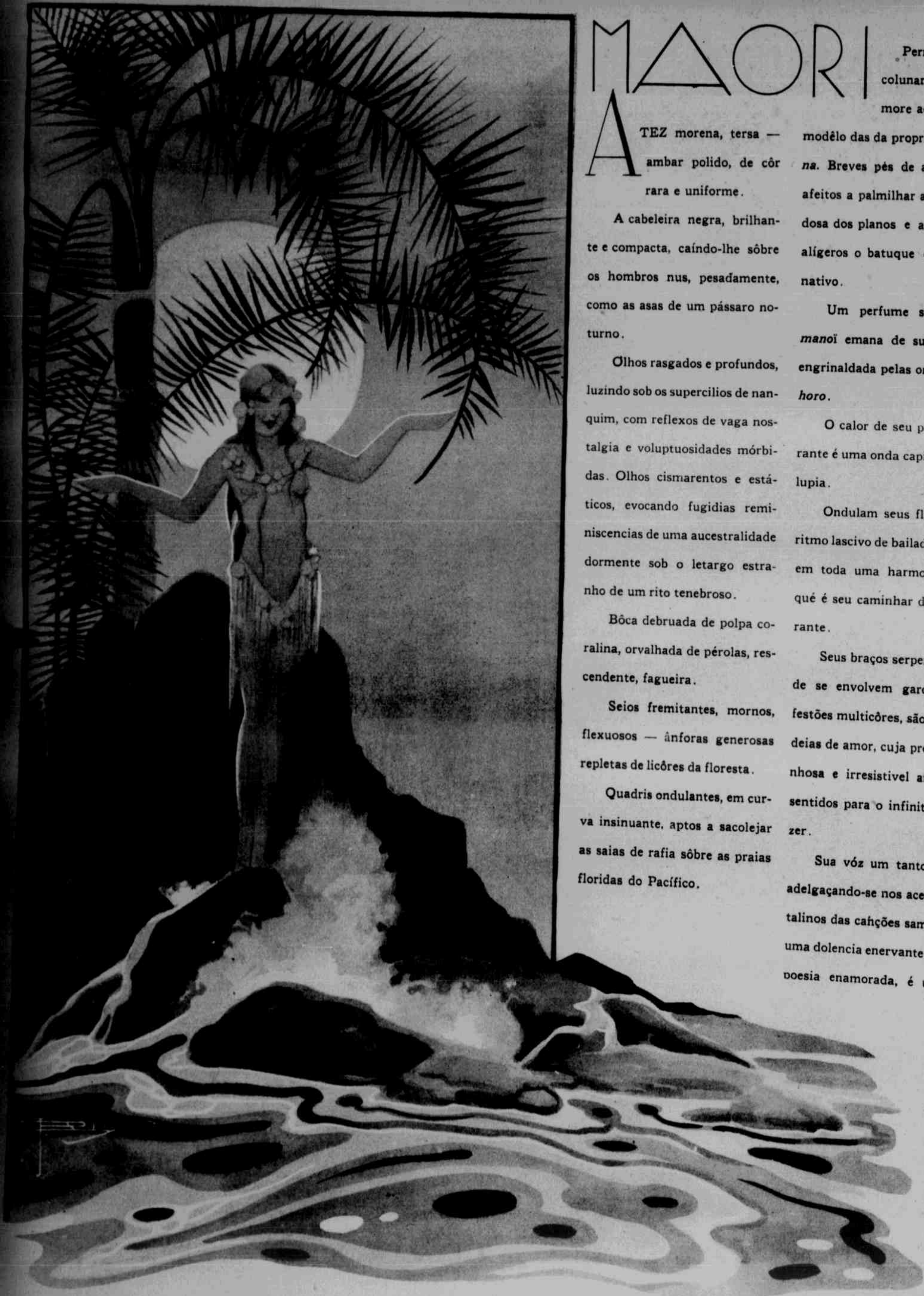
Pernas roliças, colunarias, de mármore adusto, sob o modêlo das da propria deusa *Hina*. Breves pés de asa de rôla, afeitos a palmilhar a relva veludosa dos planos e a compassar alígeros o batuque do *tandack* nativo.

Um perfume silvestre de *manoï* emana de sua cabeleira engrinaldada pelas orquídeas do *horo*.

O calor de seu peito exuberante é uma onda capitosa de volupia.

Ondulam seus flancos num ritmo lascivo de bailado tropical; em toda uma harmonia carnal qué é seu caminhar de ídolo errante.

Seus braços serpentinos, onde se envolvem gardenias em festões multicôres, são ideais cadeias de amor, cuja pressão carinhosa e irresistivel arrebata os sentidos para o infinito do prazer.

Sua vóz um tanto gutural, adelgaçando-se nos acentos cristalinos das canções samoanas de uma dolencia enervante e de uma poesia enamorada, é um hino

apaixonado á natura triunfal, aos êxtases dormentes, aos embates do amor.

Todo o encanto da carne bela e emocionada trescala a formosa virgem Maori, em sua ilha perdida entre infinitos — sob o azul abobadado do céu puro, no seio da verdura opulenta do trópico, envolta nos aromas da seiva fecunda, ao planger das caxoeiras prateadas, ao fragôr da onda espumante que deslisa sôbre as areias alvadias das longas praias cantantes dos mares do sul.

Assim, meu espírito delirante compôs a perfeição polinésica, contralizada, nesta divina filha do oceano através da sedutora memória poética daquelas plagas de idilio.

Assim, contemplei a estupenda *atona*, nimfa trigueira da mitologia maori.

Tabou... A natureza guarda recôndito seu encantamento.

Penetrei naquêle âmbito fantástico; transpus o pórtico silvestre daquêle templo pagão; imergi na transparencia extasiante daquêles horizontes de magia

Tabou... *tabou*. Zelosamente. *Maori-Ouiro* vela sôbre as virgens *aritis* de seu culto paradisiaco.

Meu pensamento abandona o corpo inerte e eleva-se nos ares, flotando pelo azul da noite meiga, diaganeizada ao claror opalino do luar.

A aragem oceânica traz-me em seu hálito salino e fresco o som dormente de melodias patéticas. Insensivelmente, sigo em demanda daquela ignota lira, que desprende no espaço acordes líricos desconhecidos.

Pairo sôbre o mar.

Em baixo, minúsculo éden verde boia sôbre as aguas cristalinas, que redomizam madréporas ignescentes. Dali irradia a onda sonora.

Desço sôbre o paraiso floral. As vibraços melódicas sôam em plena intensidade envoltas na fragrancia de mil corolas ridentes.

A areia fina alveja, os rochedos obscuros corôam-se com a franja das ondas marulhantes, a ramagem maciça sussurra no âmago da noite vozes ternas e sigilosas. A luz da hostia lunar desperta em tudo aquilo uma alma encantada, que se eleva rodeada de fulgôres latescentes.

Numa enseada calmosa, sob a rama de coqueiros recurvos que a lua transforma em pistilos de prata, nativos bronzeos tangem guitarras e estridulam *fango-fangos*, languidamente, na romântica inspiração de suas rudes almas apaixonadas.

Reclinada sôbre rochas calcinadas, que avançam para o mar de turmalina, a virgem Maori cisma; e as ondas indolentes banham-lhe os pés alados. Sua silhuêta desenha-se nítida na turqueza do infinito distante. O som da melódia plangente causa-lhe o arrebato do êstase meditativo.

Indomavel fascinio a ela me impele. Logo, porém, detenho-me enebriado — ela canta.

A poesia pagã irrompe de seus labios de papoula. Um cântico de amor que eu adivinho sem compreender, uma elegia sublime que ascende ao luar e que repetem em frêmito os écos da natureza comovida.

O infinito é mais puro. O ambiente todo sonoriza-se. A alma verde das matas e a alma azulea dos mares vibram em unísono, na exaltação sinfônica do idealismo...

A lua esplende reverberos intensos que penetram de luz fluídica a terra, o mar; e tudo entôa uma harmonia eterea...

Aos poucos, desvanece a balada nativa. As últimas notas extinguem-se lentamente, e as guitarras languidas emitem trêmulos argentinos que ao subirem ao ar calmado parecem ser aprisionados no bojo da folhagem, onde morrem num último suspiro de amor...

O sussurrar da folhagem...

As endeixas do mar...

Emudecida, a virgem perde no horizonte os olhos esmaltados.

Aproximo-me, lentamente.

Ela ergue-se na aresta do rochedo e, num gesto solene, invoca o mar

As vagas entumecem com lúgubre rumor e, acometendo as fragas estilham-se espumosas. Jactos perlados assomam á incólume selvagem — braços abertos, énea estatua simbólica de fascinadóra — cingindo-a em mantò hialino, húmido e frio, onde se irisam os raios do luar.

Atento estremunhado á formidavel cena.

O mar estála e brame, a onda eriça, mil tentáculos convulsos que enastram a rocha abrupta, e espirais nacarados lançando-se violentos cobrem a maga impassivel.

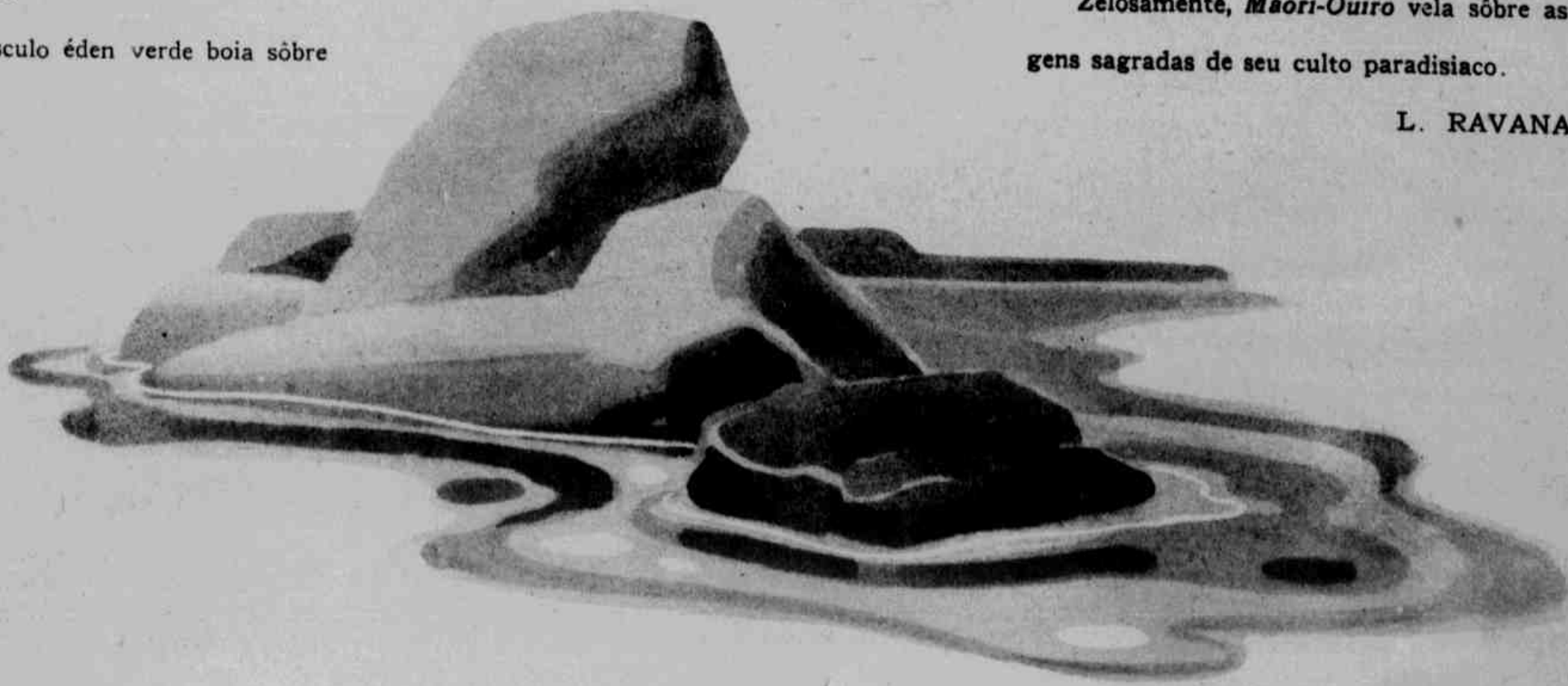
Corro a ela num impeto de espanto!

Arrebatando-a em seus vórtices, o turbilhão de franja aquática sepulta-a no mar.

Reprime-se a tormenta.

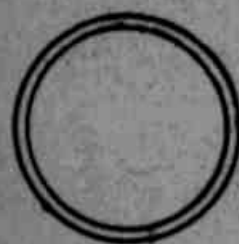
Estático, permaneço sôbre a pedra negra.

Tabou!... tabou!...

Zelosamente, *Maori-Ouiro* vela sôbre as virgens sagradas de seu culto paradisiaco.

L. RAVANA

Pernambuco das Anquinhas e das Maxambombas

MARIO SETTE

Milagres, Jejuns, Comidas e proezas de outrora

O BONDE eletrico tomou o logar da maxambomba, sim senhor; a saia curta e transparente deu o fóra na anquinha, sim senhor; o cinema desbancou a festa de igreja, sim senhor; tudo passou por uma reforma tal que um defunto de vinte anos atrás, se tivesse um aparelho de radio na cova e soubesse das novidades desta Recife moderna, julgaria que o estavam empulhando. Mas uma cousa é bem parecida com a de dantes; é a alma da gente.

Essa "santa" do Alto do Céu serve de sinal disso. A multidão que a procura, de automoveis, de trem, de bondes, a pé, essa o morto a reconheceria logo se saisse da sepultura. Êle a teria visto, igualzinha, na ingenuidade, na esperança, na sofreguidão, apenas com outros trajos, em 1904, acorrendo ao Derby afim de se submeter aos milagres do professor Faustino, o "homem do dedo". Quem já anda dos 30 para cima ou dobrou os 40, ha muito, ha de se recordar nitidamente do professor Faustino. Lembra-se bem de tudo, por exemplo, embora o negue, aquela senhora minha conhecida que era uma graciosa mocinha, quando eu ainda brincava nos colos das moças, e que hoje, apesar de avó, possúe uns cabelos estranhamente pretos e lustrosos.

O homem apareceu e fez sem demora um reboliço danado na pacata cidade daquêle tempo. Os jornais abriram colunas. O povo marchou para o Derby com um interêsse só comparavel á epoca brilhante de Delmiro Gouveia. As curas maravilhosas andavam de bôca em bôca. Como sempre surdiam os que punham o indicador no olho, repuxando a palpebra e testemunhando: Eu vi. No entanto, quem tinha os seus parentes ou conhecidos cégos, aleijados, leprosos, mudos, continuavam a vê-los do mesmo modo. Os curados, por uma esquisitice inexplicavel, desapareciam da circulação. Todavia, não decrescera a afluencia de enfermos. A Ferro Carril aumentou os carros para a Estancia, porém mal se partia do Brum já não havia logares senão debaixo das rodas; e, ali mesmo haveria quem se metesse, tanta certeza nutria de arranjar com o professor Faustino umas outras pernas.

O método dêsse professor consistia em colocar a mão no ponto do corpo atingido pela doença. E o milagre se efetivava instantaneamente. Daí a ironía maliciosa tê-lo crismado de "homem do dedo". Não se falava noutra cousa. *A Pimenta*, o bem feito semanario humoristico em que as penas de Léo, Lingua de Prata, Pafunciano Batoque, Dr. Gancho, Murilo, escondiam muita gente séria de hoje, tomou a seu cargo o "homem do dedo"... A romaria começava de manhã, para o Derby, e entrava pela noite.

Afinal, tudo passou. E ninguem ficou menos cégo, menos surdo, menos torto.

Depois, foi Beberibe. Anunciaram-se os feitos surpreendentes de Bento Milagroso.

Mario Sette

OS escritores pernambucanos Mario Sette e Fernando Pio têm pronto para o prélo um livro de cronicas sôbre o Recife antigo, com o titulo acima, o qual deverá saír a lume no proximo mês de Julho.

São trabalhos interessantes pelo que evocam de aspetos, de costumes, de tipos de um Recife de uns vinte a cincoenta anos atrás, com todos os caracteristicos da epoca.

E é dêsse livro a cronica "Milagres, jejuns, comidas e proezas de outróra", firmada por Mario Sette, que publicámos hoje.

Êsse não era professor. Parece-me até que se tratava de um homem humilde, sem grandes conhecimentos, talvez mesmo ingenuo. O outro cursara escola mais alta; conhecia a psicologia da gente com que tratava. Bento Milagroso tambem conseguiu fazer seu ruidozinho bem regular. Beberibe, desde que Luiz do Rego assinou por lá a sua desistencia ao governo de Pernambuco, creio que nunca vira tanto mundo pelas suas bandas. E não era para tomar banho, chupar cajús, beber cachaça que aquêle povo por ali aparecia, mas para obter alívio ás suas dôres. Novos reclamos de cúras, novos repuxamentos de palpebras, novos entusiastas, e, por fim, *toujours la même chose*: decadencia de fama, silêncio, doentes como dantes...

Tivemos tambem o homem da rua do Padre Muniz. Dêsse não sei qual o método de tratamento. O que é verdade é que encheu por alguns anos as solicitadas dos jornais com atestados de restabelecimento, agradecimentos, elogios. Nunca mais se falou nêle. Viajou? Aposentou-se? Aborreceu-se com a ingratidão dos clientes? Ou, como os fabricantes de remédios para calvicie, que são calvos, não achou remedio para seus males e morreu?

Cousas do Recife atrazado que hoje na Recife adiantada se repetem. O mar de Paulista, a Santa do Alto do Céu... Todas as epocas têm as suas "gosadas" curiosidades. A nossa cidade, por volta de mil novecentos e tantos teve-se das bôas. E apreciava-as melhor do que agora porque a existencia fôsse mais calma e os motivos de atenção menores.

Quem não se recorda dos Lucas? Uma nova seita religiosa, ou que se presumia ser, pelo menos. Um grupo de homens e mulheres do povo, habitando um sítio na Madalena e fazendo ali ceremonias de culto, com rezas, canticos, bênções do terreno, prédicas etc. Não comiam carne evitando a morte dos animais; andavam todos com umas túnicas brancas e de gorros; os homens de barbas e cabelos compridos; as mulheres de cabeças raspadas; acompanhavam-nos um jumento que tinha uma orelha cortada. Faziam penitencias e jejuns. O Santo Lucas era o seu chefe e padroeiro. Quando entravam numa casa exclamavam: "A Paz de Jesus Cristo esteja em vossos corações!" Se viam uma pessôa montada a cavalo, exortavam: "Desce de teu irmão!".

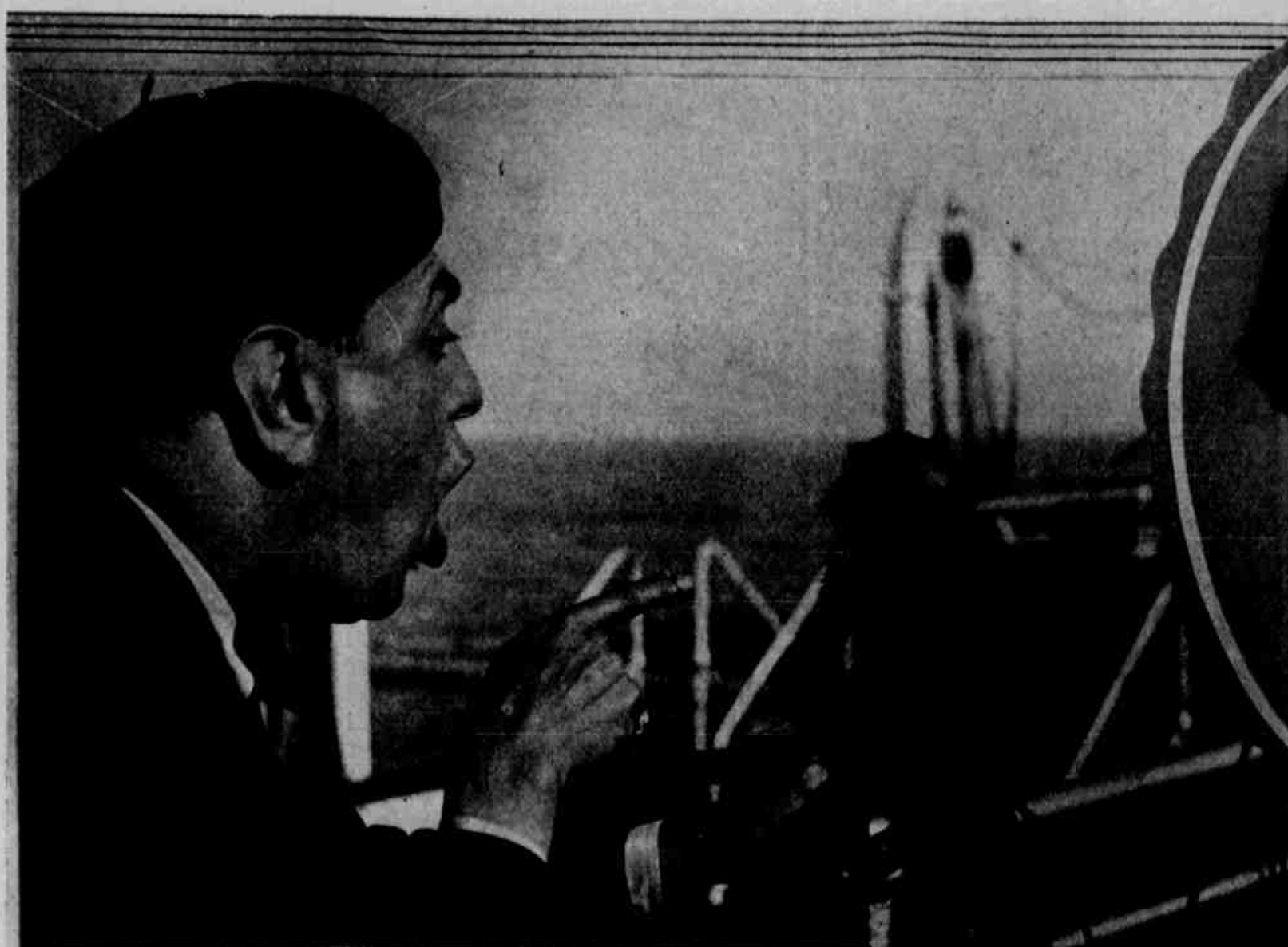
Inofensivos, trabalhadores, honestos, bons. E, por isso mesmo, serviam de alvo a injúrias, ridículos, vaias, pedradas...

Sumiram-se. Talvez tivessem preferido morrer a serem maldizentes, parasitas, ladrões e malvados para se arranjarem melhor na terra.

Outro caso interessante foi o do homem que comia vidro. Fez sucesso. Até as rodas cientificas se dignaram de botar os oculos e examinar o "fenomeno". Mastigava e engulia um copo, uma chaminé de candieiro, uma vidraça, como quem saboreia um desfolhado. E passava admiravelmente, sem precisar de injeções, de nox-vomica, de bicarbonato de sódio... Recolheram-no ao asylo: comer vidro era indicio evidente de loucura; devera, para ter juizo, atirar-se a outras "comidas"...

Ao contrario dêsse que preferia as taças á champanha, surgiu o que não comia nada. O Julio Vilar. O enterrado-vivo, como apregoavam os anúncios. O seu enterro no salão de entrada do Helvetiva foi o mais concorrido do Recife, embora se pagasse para asistí-lo. E, metido num ataúde, ás vistas do público, mercê de uma tampa de vidro (ah! si o engole vidraças estivesse solto), o jejuador repousou das "fadigas diarias e cavatorias" durante 8 dias. Não houve quem lhe fôsse mirar a cara

(Termina no fim do número).

TEATRO

O tenor Tito Schipa, que vamos ouvir este ano, ensina o seu macaco a cantar.

Mlle Suzanne Gilbert e, em baixo, Mlle Ninette Favier, da Companhia Véra Sergine-Henri Rollan, no Municipal.

A soprano Josefina Cobelli, que tambem fará parte da Companhia Lirica, vindo do Colón, de Buenos Aires, para o nosso teatro oficial, contratada pelo maestro Piergile.

Terra Gaúcha

Na Pedra Redonda, Porto Alegre

Em cima, á esquerda: senhoritas Dotilde e Jovita Ramos, na fazenda Estrela do Oriente, de seu pai, major Juca Ramos, em S. Borja.

Em cima, no meio: senhoritas Vege e Dadá Ornelles e Eney Ribeiro, da Sociedade de S. Borja.

Senhoritas Marieuse e Miranda netas dos propagandistas da Republica, Apparicio Marieuse e Francisco Miranda.

Senhorita Justina Ramos

Senhoritas Elisa Silva, Jacilla Lago, Joanna Iffran e Yayá Donelles, de S. Borja.

Um gaúcho

Pescaria no rio Camaquar

Eu quis escrever, um dia, um poema,
que fosse elegante e bonito como você, Daíse...

E quando os meus olhos, doidos de felicidade,
kodakisaram todo o seu encanto
eu compus, em alexandrinos,
o meu poema feito de sua exaltação,
o meu poema que era uma canção,
á primavera gloriosa do seu corpo,
ao outôno silencioso da minha saudade...

Puxa! Não prestou, não. Nem se parecia!
Você pequenininha, assim,
podia nunca se parecer com um alexandrino?

Depois fiz um sonèto.
(Quem foi que disse que eu não sabia fazer sonetos?)
Burilei-o meticulosamente.
Enchi-o de adjetivos coloridos e rimas escolhidas.
Cheguei até a trancar, com chave de ouro,
(dê licença José Auto!)
a minha namorada no terceto final!...

Nadinha! Uma pequena com cabelos á Irene Bordoni
não cái no ridiculo de um sonêto.

Depois eu criei juizo e dei p'ra gente.
Escrevi um poema bem doido.
Cheio de adjetivos fulminantes e palavras exquisitas.
Um poema que ninguem entendeu...

Os emeritos literatos de colarinho duro
bravejaram contra o "insulto" á pureza da arte!

Fiquei satisfeitissimo!
O seu corpinho de tango,
o seu sorriso norte-americano,
você todinha,
estava no meu poema que ninguem entendeu....

de Elegancia

TAILLEUR azul — tecido diagonal, — "boina" um pouco descida na sobrancelha esquerda, e, do outro lado, o cabelo faceiramente arranjado em ondas mais uma camada de "bâton", o "rouge" posto com discrição, luvas de "Suède", brancas, sapatos e carteira de "lézard" branco e preto, ainda um pouco de perfume, ainda uma espiada no espelho grande, e... rua.

As mulheres desta bela cidade do Rio de Janeiro são quasi todas bonitas nestes tempos de pouco frio e nenhum calor. E' a moldura dos vestidos, a fisionomia que se não contráe como nos dias de verão, o prazer de andar nas tardes de temperatura deliciosa, a alegria de encontrar os conhecidos que tambem perambulam pela Gonçalves Dias e pela Ouvidor, que tambem tomam chá ás cinco horas, e que, ás vezes, tomam até dois ou tres chás, em duas ou tres casas diferentes — apesar da crise.

As vitrinas expõem as "dernières créations", e as elegantes ainda estão um tanto refratarias á moda dos chapéus "inclinés en avant". Mas param e examinam os "canotiers" graciosissimos, os "tricornes", os "tyroleses". Ficam tentadas, procuram na multidão quem os está usando, olham curiosas as mulheres reconhecidamente chiques, mas não se decidem...

O chapéu "toque", a "boina", o "béguin", porém, facilitam a transição. Continuam, como aqui se vê, a agradar e a serem usados, diferençando-se, contudo, no modo de colocação.

A parisiense fartou-se de sentir pouca segurança nos chapéus, de desmanchar o penteado ao menor sopro de vento, pediu uma transformação elegante, porém menos incomoda.

E nós, queridas leitoras, como toda a gente dêste mundo de Deus não podemos ser mais realistas do que o rei. Assim, vamos deixando de parte a mania de conservação, que, no caso, não tem cabimento, e passemos a adornar as nossas cabeças com o ultimo "grito" de Reboux, de Mado, de Vionnet, interpretados pelas nossas melhores casas de chapéus. (Leblon, Mado, etc.)

Nos figurinos que ilustram esta cronica as leitoras apreciarão alguns modelos do "Grand-prix du Jockey Club", em Chantilly, onde, segundo as informações, ficaram consagrados os vestidos nas tonalidades pastel e branca. Os alvos sempre com uma jaqueta preta, e os pretos com jaquetas brancas. Ha quem prefira preto e branco na primeira das combinações. Mas é mais original usar jaquetas brancas sobre vestidos escuros. A estamparia está um tanto no descaso dos costureiros, sendo substituida por trabalhos interessantissimos de nervuras formando guirlandas em "georgette" de tonalidades delicadas, o que demonstra um "croquis" da senhora Martinez de Hoz — Dulce Liberal — a linda brasileira que Paris aplaude como elegantissima.

A outra figura é uma creação de Reboux — vestido de "crêpe" romano azul pastel, decote drapeado e preso por um broche de turmalinas azues. Depois, tambem de Reboux, um chapéuzinho genero "toque", a "capeline" de laço "papillon" na frente; de Mado, o chapéu dito "Amazone", de "picot" preto e plumas verde e preto caindo na nuca e bordando a aba.

Agora, uma série de chapéus inspirados em motivos chineses e japoneses, de Courtier Sœurs, especialmente destinados ás festas á noite. O primeiro, de "chevreau" plissado, o outro, "Annamite", de lantejoulas pretas e fita de "antilope"; "Tonkin" é tambem de lantejoulas pretas cosidas em setim branco; depois, uma copa de veludo bordado e aba justa, de seda pospontada; todo de "antilope" preto, frisos de seda branca e "pois" de veludo branco, o ultimo.

Ainda são de apreciar os figurinos seguintes: vestido de musselina de seda preta com estamparia amarela — chapéu "canotier" de feltro preto; vestido de "crêpe" marinho e grande "capeline" de organdi azul ferrete e branco; saia de "crêpe" da China branco estampado de preto e casaco branco — chapéu "incliné en avant" e guarnição de plumas; "ensemble" de "crêpe" da China

Me Martinez de Hoz

azul do céu, saia de "godets" embutidos, casaco com aba em varias camadas em forma, e chapéu enfeitado de "aigrettes"; "capeline" de palha rosa e broche de diamantes; vestido de "crêpé" marocain" branco, mangas-capa e grande chapéu de palha ázul; saia de "crêpe" preto e jaquetão de "piqué" branco; *paletot* de "gailliak" preto num vestido de "crêpe" branco; vestido de taffetas escocês preto e branco; "tailleur" de "crêpe" da China branco; vestido de "shantung" azul esmaecido e gola *pèlerine;* chapéu de feltro amarelo e "torsade" de fita da mesma côr.

+ + +

Todos estes figurinos, do mais palpitante modernismo, explicam facilmente a moda que se inaugurou agora, em Paris, e que, nós, para não andarmos atrasadas, devemos adotar, naturalmente procurando o modelo a que melhor convem cada silhueta.

+ + +

Marta de Holanda escreveu "O Delirio do Nada" que mereceu elogios de Alberto de Oliveira, Coelho Neto, João Ribeiro e outros luminares das letras.

Agradecendo o livro com que me presenteou a inteligente pernambucana, trancrevo um trecho do "Delirio do Nada":

"Todas as felicidades vieram ao meu encontro, dançaram comigo um bailado confuso, descompassado, nervoso e partiram, gargalhando, prometendo voltar.

Ouví o cicío de todas as recordações... visitei tumulos de glorias longinquas que renasciam, num sol abrasante de meio dia, de alegrias cantantes que se desfizeram certa noite de esplendor, de esperanças que morreram numa asfixía de desejos".

+ + +

Outra que se dedica ás letras, que faz versos, tambem se lembrou de me mandar o seu livro, donde copío:

"Eu vim para a vida
Com as mãos cheias de rosas
Dentro da primavera...
Os espinhos nunca me fizeram mal
Sómente,
Algumas vezes
Em defesa da messe radiosa,
Apertei as mãos sobre as rosas
E...
Êles me feriram sem querer!..."

E' — "Meu vestido de retalhos", de Odete de São Felix Simonsen.

+ + +

Arranjo de casa: um canto de "living room" preparado pela casa Albino Barros & C. — Catete e Ouvidor.

As paredes forradas de papel verde, o estofo das poltronas e cortinas numa combinação de verde, azul e laranja, bem como o tapete. Quebrando tais coloridos a coloração de escariate vivo de "abat-jour", ao lado do canapé.

Estofos e cortinas em tecidos nacionais coloridos por "Indanthren".

+ + +

Meias "Sally" — Casa Machado.

+ + +

Produtos de beleza — de A. Doret — cabeleireiro tambem e perfumista.

SORCIÈRE.

De tudo um pouco

A MULHER NO VOLANTE

Ainda ha quem se revolte contra o uso, que se está generalizando, de se entregar a mulher ao "sport" automobilistico.

Ha, sim, os ranzinzas, os retrogados, os antifeministas.

"Le monde marche". Já o fazia antes Palletan, continuou depois dêle, e assim irá. Só o não vêem aquêles cégos que são os peores porque não querem ver.

No volante ou fóra dêle a mulher não é o que foi, e não será o que é.

Esse "sport" que para alguns, felizmente poucos, não passa de ridicula exibição, é, entretanto, uma das mais simpaticas conquistas do feminismo.

Não dependendo de grande agilidade corporal o manejo do volante, mas apenas de alguma destreza e fôrça de punhos, permite que a mulher, cintada e sentada, manobre facilmente, cultive a segurança da visão e ponha á prova o sangue frio.

Mas não só êsses os grandes beneficios que do volante provêm.

Para se falar, assisadamente, das cousas é preciso aprofundá-las; simples conhecimento superficial levará sempre a erro de apreciação.

E' por se não seguir esta regra que ainda alguns olhos se voltam estrabicamente para a mulher no volante.

Examine-se, porém, mais convenientemente, o caso, e já a opinião será outra.

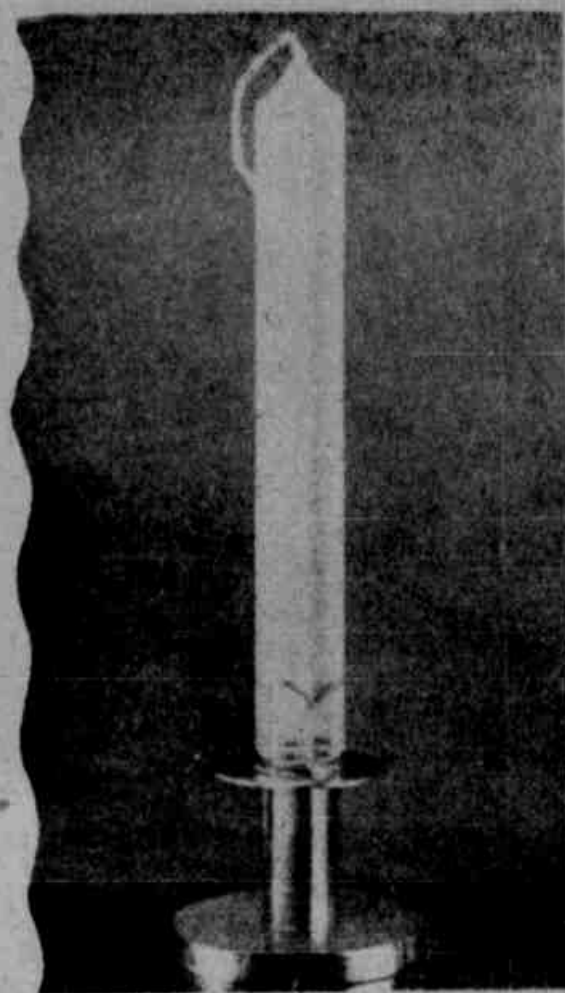
Se aquela que ali vai, sorridente e faceira, é de poucos recursos pecuniarios, tanto que não póde pagar um "chauffeur", o que daí se tira, com acerto, é que ela, ou alguem por ela, sabe, com habilidade, cortar em outros gastos para que a interessante criaturinha consiga locomover-se rapidamente, a rodar de um extremo a outro da cidade.

E que é isso senão a manifestação evidente de judiciosa economia?

Se aqueloutra, menos sorridente, porém mais faceira, é rica e póde levar o "chauffeur" a seu lado, ou dentro do carro se a acompanha qualquer amiga, o que mostra é que, se fôr necessario, se desandar a roda da fortuna, é capaz de exercer um oficio subalterno, de desempenhar um serviço rude, e o que, assim, patenteia é a grande virtude cristã da humildade — a humildade de quem, podendo mandar que lhe dirijam o luxuoso "Packard", em pessoa o vem dirigir.

Ao invés, pois, de acompanhar aquêles que nunca chegam ao amago das cousas, o que se deve é aplaudir, animar uma prática que descortina a existencia daquelas duas grandes virtudes — uma domestica; outra social.

Ao demais é chique, chique a valer, a mulher ás voltas com o volante, a fonfonar ora de um modo, ora doutro.

Junte-se, então o util ao agradavel: venham mais mulheres para o volante, venham todas as que puderem.

LIVROS NOVOS

"Meu vestido de retalho" — de Odette de São Felix Simonsen. — Poesias.

"Delirio de Nada" — de Martha de Hollanda — Pernambuco.

"Cantares" — de A. Bezerra de Menezes — Poesias.

"O Homem que salvou o Brasil" — de Paulo de Magalhães.

"Dia de Sol" — de Prado Maia — Poesias.

"Azas" — de Beatris Ferreira — Poesias.

"Jornada Sentimental" — de Lys Dorinson — Poesias.

"Bergamini" — de Ernesta von Weber. E, no prélo, pela mesma autora — "Figuras da Revolução" — segunda série.

PARA EMAGRECER

Mais uma fórmula de almôço para os que se dedicam ao regimen elegante:

Pequeno almoço — Toranja, "omelette" simples, duas fatias de "bacon" magro e tostado, uma fatia de torrada, café com leite ou dóse de creme.

Almoço: Salada de frutas, um pãozinho, leite desnatado.

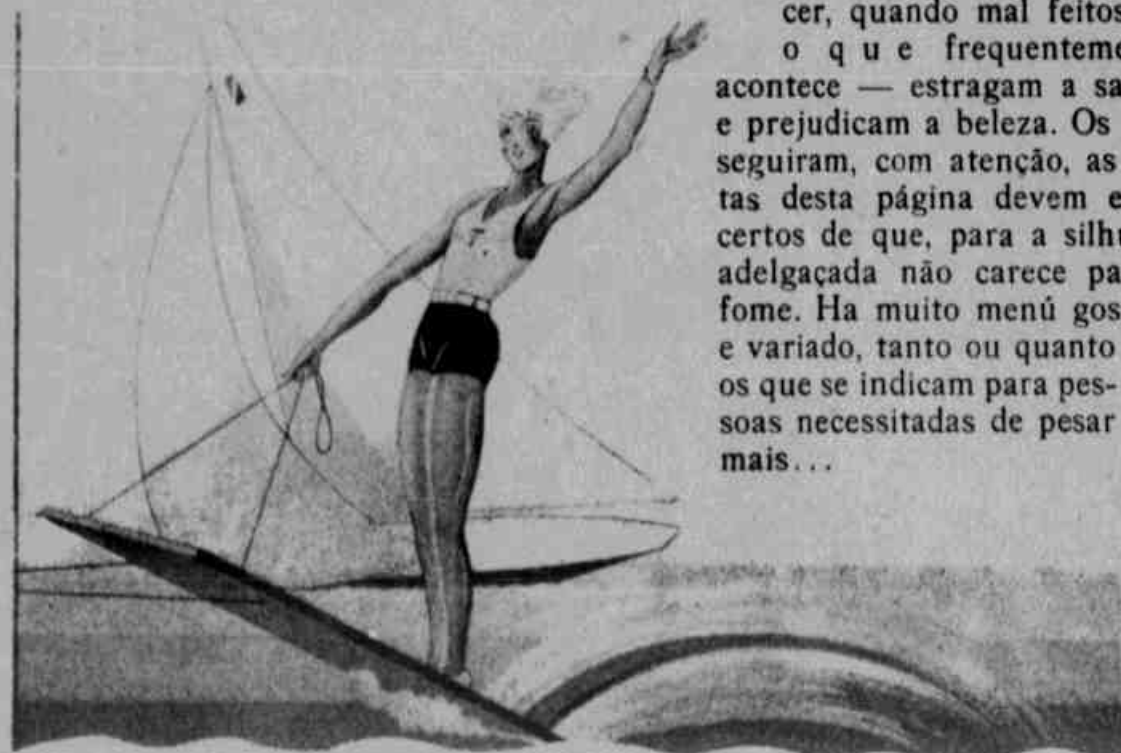
Jantar: "Halibut" passado na grélha com limão, pirão de batata (pequena porção), espinafre com ovo bem cozido, salada de tomates, um pãozinho, geléa de fruta.

(De "Alimentação e Saude", de MacCollum e Simmonds — tradução do Dr. Arnaldo de Morais.

Com o cardapio acima terminam as considerações sôbre o regimen.

No proximo numero principiará — **Como aumentar o peso.**

Ha muito quem precise de alguns quilos, senão para a fórma do corpo, pelo menos para que a fisionomia conserve frescura, mocidade.

Os regimens para emagrecer, quando mal feitos — o que frequentemente acontece — estragam a saude e prejudicam a beleza. Os que seguiram, com atenção, as notas desta página devem estar certos de que, para a silhueta adelgaçada não carece passar fome. Ha muito menú gostoso e variado, tanto ou quanto os que se indicam para pessoas necessitadas de pesar mais...

NOTA DE BELEZA

O que usa uma americana cuja pele é das mais invejaveis e atrái todas as atenções nas praias da Avenida Atlantica:

Uma gema de ovo bem batida — uma clara tambem batida igualmente, mas em vasilha separada. Pôr, em primeiro logar, no rosto, pescoço, cólo, braços e mãos a gema. Depois de seca aplicar a clara. Duas horas depois lavar com sabão de primeira ordem e que não contenha absolutamente materia acida.

E' receita para usar três vezes por semana.

EXPOSIÇÃO

Um nome interessante, sem dúvida. E bem de acôrdo com o número, quantidade e qualidade de objetos de vestuario para ambos os sexos, sapatos, perfumarias, etc., que a nova casa da Avenida — esquina de S. José, constantemente expõe á curiosidade pública.

Um Automobilista

O Sr. Cyro Ribeiro de Abreu, chefe da firma Ribeiro de Abreu & Cia., é um grande automobilista, volante de reconhecida pericia. No Automovel Club do Brasil, os seus serviços já foram aproveitados como membro da Commissão Sportiva. Por suas mãos têm passado carros de diversas marcas, a começar pela Stutz mais ruidosa que já veio ao Brasil e com a qual aliás, bateu de uma feita, em um raid de Juiz de Fóra ao Rio a Turcat-Mery do Sr. Nelito Dias Garcia.

PINTURA

MODERNISMO DE PORTINARI

(F I M)

cousas, dosando resinas, tupans e papagaios.

A abundancia de luz creou uma teoria de paisagistas voluveis, decoradores sensuais, panoramistas nostalgicos e coloristas mais ou menos lubricos. Dessa época ficaram alguns quadros, que os independentes, os renovadores, consideram sem inveja. Porque esses quadros, contrariando o pensamento de Mauclair, não mostram as verdadeiras potencias da creação, a tendencia das mais tenazes energias, o emprego do melhor genio humano, mas uma arte que já experimentou todas as côres e todas as emoções. E é contra isso que se voltam os mais ilustres espiritos modernos.

BEZERRA DE FREITAS

Milagres, jejuns, comidas e proezas de outrora

(F I M)

amarela de faminto e perguntar-lhe por meio de um tubo acustico como ia passado de barriga. Êle passava bem, mesmo porque o empresario lhe dava todas as manhãs noticias do apurado na bilheteria. Até uma modinha andou em voga:

> Julio Vilar,
> Sinhô, Sinhô!
> Já se enterrou
> Sinhô, Sinhô...

Esse caso do Julio Vilar faz-me lembrar um outro. Em 1923 apareceu em Caruarú um imitador do enterrado-vivo. Eu estava lá, passando o São João. O homemzinho resolveu enterrar-se numa loja da rua do Comércio, num sabado de feira. Botou cartazes nas portas, com um boneco num caixão funebre. Meteu-se no esquife, empurraram-no para dentro da terra, e êle ficou esperando a curiosidade dos matutos, certo de que dos três ou quatro mil sertanejos que concorrem á feira daquela cidade, pelo menos, e desgraçadamente, uns mil comprassem o seu bilhete de 500 réis para contemplar o "defunto-vivo". Se no Recife, onde a gente é toda "letrada", o Vilar enchera o bucho, que diria numa terra matuta? Correu o dia. Acabou-se a feira. A' tarde o "morto" saiu da cova. Alarmado, surpreso, inconvencivel: a bilheteria rendera 12$000. E o sertanejo é que é o jéca, hein?

Uma história da jangada Brasil que ia aos Estados Unidos impressionou bastante os recifenses. Tirou-se dinheiro para a viagem; houve admiradores da idéa, houve descrentes, houve desconfiados. E afinal a cousa resultou num fiasco, aqui mesmo e numa péga pelos jornais.

Tambem tivemos um andarilho que ia aos Estados Unidos... Andou pelo Recife todo equipado com uma bandeirinha num pau, de perneiras, farda caqui, etc. E partiu... Mas, na Paraíba viu uns olhos superiores a New York e casou-se, desistindo da jornada.

Tambem deu que falar a epidemia das caixas de pensões. A primeira a botar o nariz de fóra foi a Economizadora Paulista, de São Paulo. Pagava-se 5$000 por mês durante 10 anos e depois a sociedade garantia ao socio uma pensão vitalicia de 100$ a 150$000 mensais... Muita gente foi na onda, inclusive o cronista. E tóca a grelarem sociedades mutuas, de vários feitios, de vários fins, de vários planos. Para quando o menino nascia, para quando o sujeito se casava, para quando o filho entrava na escola, para quando o marido fugia do lar... Pensões em grosso e a retalho. Havia quem pertencesse a todas.

Logo em seguida apareceram as "rapidas". As outras davam pensões lá numa época futura, prefixada. As "rapidas", porém, começaram a distribuir tais vantagens no mesmo dia, no dia seguinte, dalí a dois ou três dias, conforme o número de sócios que entrassem.

A cousa tomou um aspéto tal que as sédes de tais "sociedades beneficentes" estiveram a ponto de vir abaixo. As ruas ficavam coalhadas de candidatos. Os empurrões, os desafôros, as pancadas já iam dando seu ar de graça... A policia achou prudente acabar com aquêle prurido caritativo. E as pensões fecharam as portas; pelo menos as que prometiam distribuir dinheiro...

Já num tempo mais aproximado de hoje, tivemos os naturistas — um blóco de senhores que declararam guerra aos bois, ás galinhas, aos porcos, resolvendo só ingerir verduras e frutas. Muito bem! Nada de extraordinario! O que, entretanto, constituiu a nota pitoresca do "partido radical vegetariano" — o P. R. V. — foi a indumentaria: — Como não podiam andar nús, (o nudismo ainda não chegou pelo Brasil) metiam-se nuns balandraus brancos, de alpercatas, sem chapéu, com uma cestinha cheia de bananas, goiabas, cajús para o **lunch**...

Duraram pouco.

No Recife de antigamente o fato mais sensacional talvez tenha sido, no genero, o do salto da morte. Interessou e entusiasmou a todo mundo, maximé porque se revestisse de uma dó-

(Conclue no proximo numero)

Dr. Luiz Lacombe

As grandes companhias americanas que se estabelecem em nosso país têm por norma elogiavel aproveitar, tanto quanto possivel os nossos novos valores mentais, em postos de alta responsabilidade. Dentre elas destaca-se por essa orientação a General Electric, admiravel organização, modêlo entre muitas. Alí são inumeros os brasileiros ocupando funções diretivas.

O Dr. Luiz Lacombe, por exemplo, nosso patricio, é o chefe do Departamento de Expansão de Vendas e agora mesmo, no dia 6, pelo "Southern Cross" segue para os Estados Unidos, a serviço da General Electric.

Formado nos Estados Unidos, pela Universidade de Lehigh, do Estado da Pensylvania, o Dr. Luiz Lacombe ha quasi um decenio que ingressou na General Electric, tendo trabalhado na Baía e em Belo Horizonte, só se recomendando pela sua competencia e o seu extremado amor ao trabalho. E', pois, um jovem brasileiro que honra as nossas novas gerações.

LIVRARIA PIMENTA DE MELLO

TRAVESSA DO OUVIDOR, 34

(ANTIGA SACHET)

TELEPHONE 4-5325 — RIO DE JANEIRO

BIBLIOTHECA SCIENTIFICA BRASILEIRA

Introducção á Sociologia Geral, obra premiada com o 1° premio da Academia Brasileira, de Pontes de Miranda (Dr.) Broch. .... .16$000
A mesma obra (Encadernada) .... 20$000
Tratado de Anatomia Pathologica, de Raul Leitão da Cunha (Dr.) Prof. da cadeira na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Broch. 35$000
A mesma obra (Encadernada) .... 40$000
Tratado de Ophthalmologia, volume 1°, tomo 1°, pelo Prof. Abreu Fialho (Dr.) Broch. 25$000 enc. .... 30$000
Tratado de Ophthalmologia, volume 1°, tomo 2°, pelo Prof. Abreu Fialho (Dr.), Broch. 25$000, enc. .... 30$000
Tratado de Therapeutica Clinica, volume 1° por Vieira Romeiro (Dr.) Broch. 30$000, enc. 35$000
Tratado de Therapeutica Clinica. Por Vieira Romeiro (Dr.) 2° vol. Broch. 25$000, enc. .. 30$000
Siderurgia. F. Labouriau (Dr.) Broch. 20$, enc. 25$000
Fontes e Evoluções do Direito Civil Brasileiro P. de Miranda (Dr.) Broch. 25$000, enc. 30$000
Amoroso Costa — *Idéas Fundamentaes da Mathematica*. Broch. 16$000, enc. .... 20$000
Otto Rothe — *Chimica Organica* — 1° Vol. tomo 1°, 20$000, enc. .... 25$000
F. Moura Campos — *Manual Pratico de Physiologia*, Broch. 20$000, enc. .... 25$000
P. Miranda — *Tratado dos Testamentos*, 1° Vol. Broch. 25$000, enc. 30$000, 2° Vol. Broch. 25$000, enc. .... 30$000
C. Pinto — *Parasitologia*, 1° Vol. Broch. 30$000, enc. 35$000, 2° Vol. Broch. 30$000, enc. .... 35$000

EDIÇÕES A' VENDA

Cruzada Sanitaria, discursos de Amaury de Medeiros (Dr.) Broch. .... 5$000
Annel das Maravilhas, contos para creanças, texto e figuras de João do Norte (da Academia Brasileira, Broch. .... 2$000
Cocaina, novella de Alvaro Moreyra, Broch. 4$000
Perfume, versos de Onestaldo de Pennafort. Broc. 5$000
Botões Dourados, chronicas sobre a vida intima da Marinha Brasileira, de Gastão Penalva. Brch. 5$000
Leviana, novella do escriptor portuguez Antonio Ferro, Broch. .... 5$000
Alma Barbara, contos gaúchos de Alcides Maya, Broch. .... 5$000
Problemas de Geometria, de Ferreira de Abreu, Broch. .... 3$000
Caderno de Construcções Geometricas, de Maria Lyra da Silva, Broch. .... 2$500
Chimica Geral, Noções, obra indicada no Collegio Pedro II, de Padre Leonel da Franca S. J. 3ª edição (Cart.) .... 6$000
Um anno de cirurgia no sertão, de Roberto Freire (Dr.) Broch. .... 18$000
Promptuario do imposto de consumo de 1925, de Vicente Piragibe, Broch. .... 6$000
Lições Civicas, de Heitor Pereira, 2ª edição (Cart.) 5$000
Como escolher uma bôa esposa, de Renato Kehl (Dr.), Broch. .... 4$000
Humorismos innocentes, de Areimor, Broch. 5$000
Toda a America, versos de Ronald de Carvalho, Broch. .... 8$000
Indice dos Impostos para 1926, de Vicente Piragibe, Broch. .... 10$000

Questões praticas de Arithmetica, obra adoptada no Collegio Pedro II, de Cecil Thiré, Broch. 10$000
Formulario de Therapeutica Infantil, por A. Santos Moreira (Dr.), 4ª edição augmentada, enc. .... 20$000
Chorographia do Brasil para o curso primario, pelo Prof. Clodomiro Vasconcellos (Dr.) (Cart.) .... 10$000
Theatro do "O Tico-Tico" — cançonetas, farças, monologos, duettos, etc., para creanças, por Eustorgio Wanderley .... 6$000
O orçamento — por Agenor de Roure, Broch. .. 18$000
Os Feriados Brasileiros, de Reis Carvalho, Broch. 18$000
Desdobramento — Chronicas de Maria Eugenia Celso, Broch. .... 5$000
Circo, de Alvaro Moreyra, Broch. .... 6$000
Canto da Minha Terra, 2ª edição. O. Marianno 10$000
Almas que soffrem. E. Bastos, Broch. .... 6$000
A Boneca vestida de arlequim. A. Moreyra, Broch. 6$000
Cartilha. Prof. Clodomiro Vasconcellos .... 1$500
Problemas de Direito Penal. Evaristo de Moraes, Broch. 16$000, enc. .... 20$000
Problemas e Formulario de Geometria. Prof. Cecil Thiré & Mello e Souza .... 6$000
Grammatica latina, de Padre Augusto Magne S. J., 2ª edição, Broch. 16$000, enc. .... 20$000
Primeiras noções de latim, de Padre Augusto Magne S. J. (Cart.) no prélo ....
Historia da Philosophia, de Padre Leonel da Franca S. J., 3ª edição, enc. .... 12$000
Curso de lingua grega, Morphologia, de Padre Augusto Magne S. J. (Cart.) .... 10$000
Grammatica da lingua hespanhola, obra adoptada no Collegio Pedro II, de Antenor Nascente, professor da cadeira do mesmo collegio, 2ª edição, Broch. .... 7$000
Candido Borges Castello Branco (Cel.), *Vocabulario Militar* (Cart.) .... 2$000
Chimica elementar, problemas praticos e noções geraes, pelo professor C. A. Barbosa de Oliveira, Vol. 1° (Cart.) .... 4$000
Problemas praticos de Physica elementar, pelo Prof. Heitor Lyra da Silva, caderno 2°. Broch. 2$500
Problemas praticos de physica elementar, pelo Prof. Heitor Lyra da Silva, caderno 3°. Broch. 2$500
Primeiros passos na Algebra, pelo Professor Othelo de Souza Reis (Cart.) .... 3$000
Geometria, observações e experiencias, livro pratico, pelo Prof. Heitor Lyra da Silva (Cart.) 5$000
Accidentes no trabalho, pelo Dr. Andrade Bezerra. Brochura .... 1$500
Esperança — Poema didactico da Geographia e Historia do Brasil pelo Prof. Lindolpho Xavier (Dr.), Broch. .... 8$000
Propedeutica obstetrica, por Arnaldo de Moraes (Dr.), 3ª edição, Broc. 25$000, enc. 30$000
Exercicios de Algebra, pelo Prof. Cecil Thiré Broch. .... 6$000
Miranda Valverde — *Evoluções da Escripta Mercantil* .... 15$000
Moraes — *Sã Maternidade* .... 10$000
Celso Vieira — *Anchieta* .... 16$000
Wanderley — *Album Infantil* .... 6$000
Anesi — *Physiologia Cellular* .... 8$000
Alvaro Moreyra — *Adão e Eva* .... 8$000
A. Magne — *Selecta Latina*, Broch. 12$000, enc. 15$000
Renato Kehl — *Livro do chefe de Familia*, enc. 25$000
Heitor Pereira, *Anthologia de Autores Brasileiros* 10$000
Problemas praticos de Physica elementar, pelo Prof. Heitor Lyra da Silva, caderno 1°. Broch. 3$000

Moveis finos, Tapeçarias e Decorações em geral